

CÂNDIDO

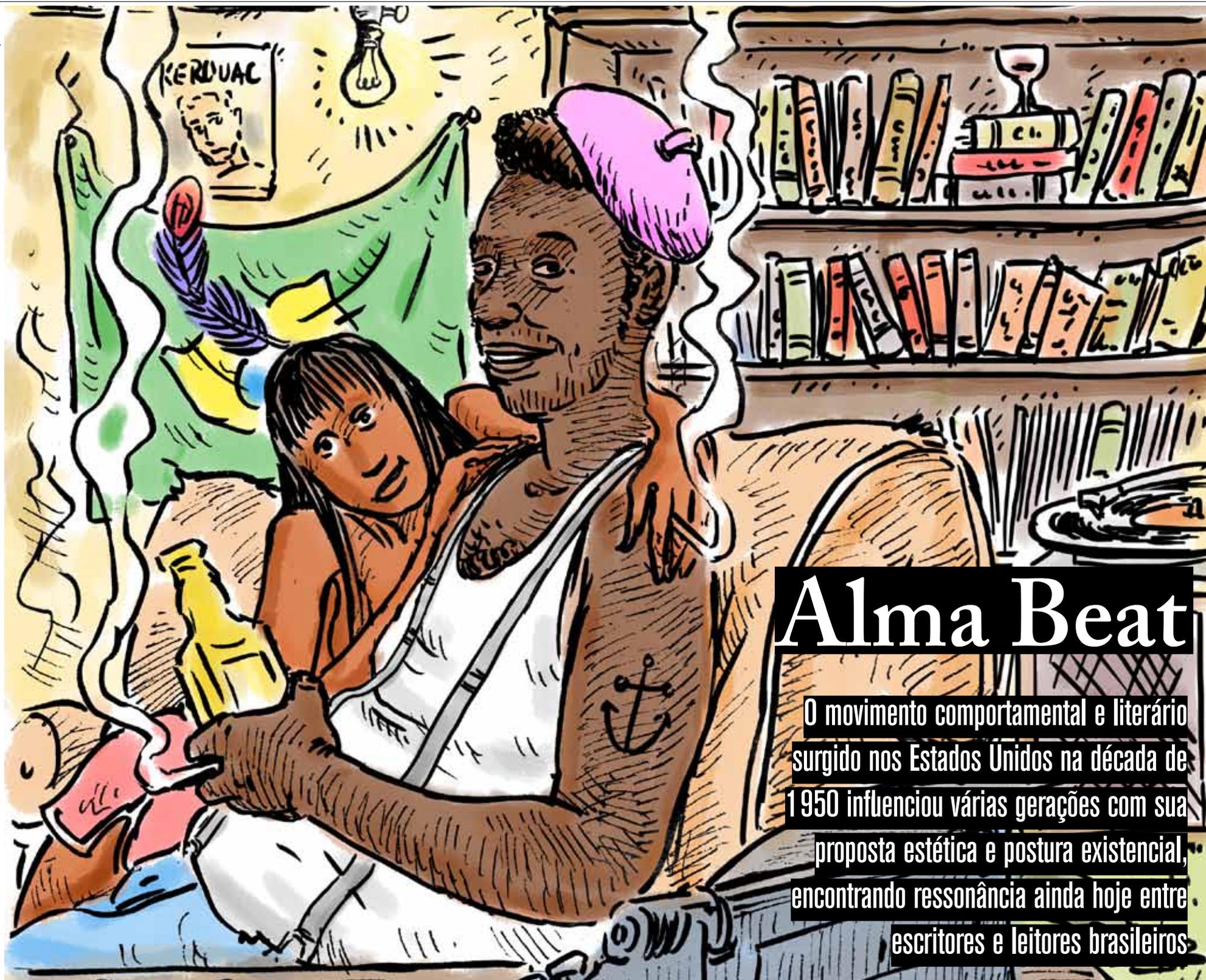
BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

36

JULHO 2014
www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rafael Campos Rocha



Alma Beat

O movimento comportamental e literário surgido nos Estados Unidos na década de 1950 influenciou várias gerações com sua proposta estética e postura existencial, encontrando ressonância ainda hoje entre escritores e leitores brasileiros.

Entrevista | Sergio Faraco ▪ Conto | Márcia Denser ▪ Poema | Ademir Assunção

EDITORIAL

Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Gregory Corso, Laurence Ferlinghetti e outros escritores norte-americanos provocaram uma ruptura cultural na metade do século XX. Eles foram os protagonistas da chamada geração beat. Flerte com a cultura oriental, consumo de drogas e prática de sexo livre, entre outros elementos e ingredientes, além do jazz na trilha sonora, estavam no caldeirão da beatnikagem.

A onda beat, na qual comportamento e escrita quase se misturam, atingiu variados pontos do mundo, inclusive o Brasil. Vários autores brasileiros dialogaram com o legado beat, entre os quais José Agripino de Paula, Jorge Mautner, Waly Salomão, Roberto Piva, Antonio Bivar, Claudio Willer e Eduardo Bueno.

Willer, um dos beats brasileiros mais atuantes, foi entrevistado e é uma das vozes presentes na matéria “Cena beatnik”, para a qual foram ouvidos especialistas e escritores que conhecem a temática.

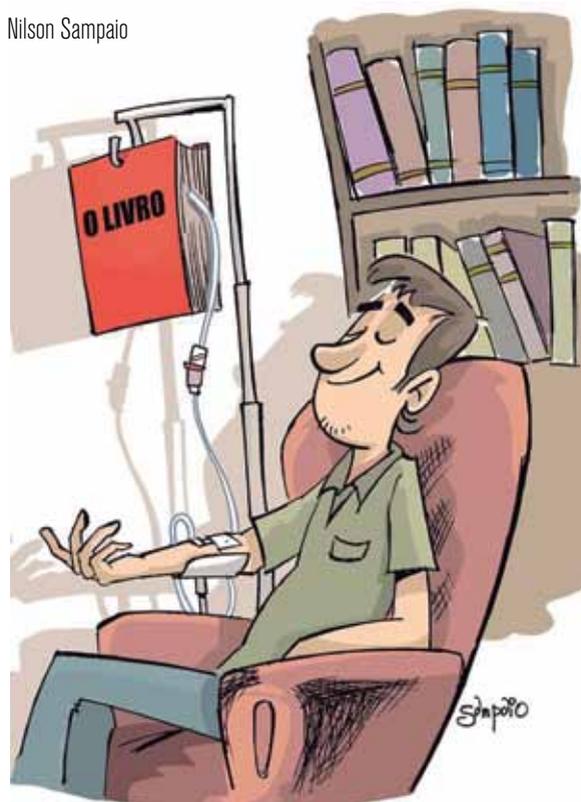
A escritora e professora da UFPR Luci Collin, que traduziu textos de Gary Snyder, explica que a geração beat surgiu em solo norte-americano, num contexto marcado pelo consumismo e por um moralismo sufocante, para reavaliar valores e estruturas, na avaliação da doentamente consolidadas. “Os beats produziram uma literatura ousada e direta, que expunha os tabus e recalques daquela sociedade”, afirma Luci.

O professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) Marco Alexandre de Oliveira lembra que o termo beat deriva das palavras beato e/ou beatificado, e da palavra beat no sentido de batida e/ou batuque.

O tema é amplo e complexo e, nesta edição, tem desdobramento em outra reportagem que enfoca o percurso de Luiz Carlos Maciel, intelectual brasileiro quase sinônimo de contracultura e em uma lista de obras que, em conjunto, jogam luzes nessa manifestação cultural que chega no século XXI atraindo a curiosidade de artistas, estudiosos e do chamado leitor comum.

Boa leitura!

CARTUM Nilson Sampaio



BIBLIOTECA AFETIVA



Divulgação

Era adolescente quando li *Ana Terra*, e só parei quando o livro terminou. A obra é parte da saga da *O tempo e o vento*, clássico de Erico Verissimo. Fiquei impressionada com a força e coragem da jovem mulher que tem um amor proibido por Pedro Missioneiro, mestiço de índio. Em meio a um ambiente austero da fazenda onde morava com a família, e as constantes guerras com índio ou castelhanos, Ana Terra se mostra uma mulher de coragem que me inspirou como pessoa.

Raquel Moreira nasceu em Brasília (DF), é historiadora, gestora cultural e realiza pesquisas sobre políticas culturais com ênfase no financiamento da cultura. Atua em planejamento e gestão de projetos socioculturais e faz capacitação, cursos e suporte técnico em projetos. Vive no Rio de Janeiro (RJ)



Divulgação

Foi por volta dos meus oito anos, numa viagem para a casa do meu vô no interior de Minas Gerais, que me deparei com *O menino do dedo verde*, clássico de Maurice Druon. Mais que o próprio enredo, que fala de um menino que tinha o dom de transformar tudo que tocava em plantas e flores, o que mais me lembrou foi o prazer de ler aquele livro e mergulhar numa história fantástica, que era infantil sem ser infantilóide. Foi o primeiro que li apenas porque queria ler, sem ser para alguma tarefa ou obrigação da escola. Talvez exatamente por isso foi tão divertido.

Túlio Pires Bragança é publicitário e blogueiro. Trabalha nos canais a cabo Fox e escreve no blog Aires Buenos. Mora em Buenos Aires, Argentina.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Lucas de Lavor, Mellissa R. Pitta e Thiago Lavado.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Salomons, Cecília Fumaneri e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Ademir Assunção, Allan Sieber, Adriana Zamparoli, Bruno Bandido, Demétrio Panarotto, Dico Kremer, Fúlvio Pacheco, Márcia Densor, Nilson Sampaio e Rafael Campos Rocha.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP



Lina Faria

Júlia da Costa no teatro

A Companhia de Teatro Laurinha Produções encena, no dia 2 de julho, no auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná, a peça Flores dispersas, sobre a vida da poeta paranaense Júlia da Costa. A apresentação tem início às 19h30 e a entrada é gratuita. Com texto e direção de Regina Bastos, o elenco da peça é formado por Braz Pereira,

Órli Carrara e Vilma Fernandes, além da cantora Susi Monte Serrat. A peça aborda a fase final da vida da poeta e utiliza poemas, fatos autobiográficos e cartas de amor para contar a trajetória da controversa artista do paranaense. A peça já havia sido apresentada pela companhia na BPP no começo deste ano e, após turnê, volta para mais uma apresentação.

Curso de HQ abre inscrições para 2º semestre

Estão abertas as inscrições para o Curso de Histórias em Quadrinhos da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). O curso dá ênfase a conceitos necessários para a produção de revistas em quadrinhos autorais, além de noções básicas para a produção de fanzines, tiras e charges de jornais. O projeto con-

ta com a assessoria técnica do estúdio UCMComics e é ministrado pelo quadrinista e desenhista Marcelo de Oliveira. No final do curso, os trabalhos dos alunos são publicados na revista em quadrinhos Bóing!, que já tem duas edições. O módulo tem início em julho e acontece aos sábados, das 10h às 12h na Sala de Reuniões do 3º andar. As inscrições são realizadas pelo telefone (41) 3221-4980. Para mais informações acesse <http://www.ucmcomics.com/curso/>.

Litercultura volta em agosto

Divulgação



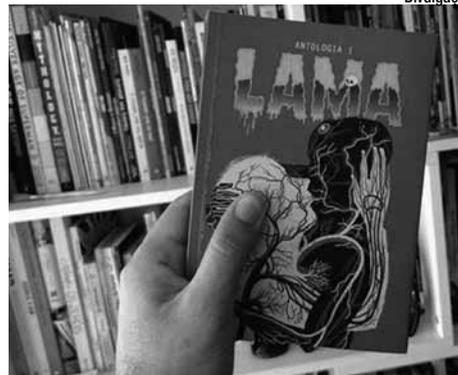
A segunda fase do festival literário Litercultura em 2014 terá início na primeira quinta-feira de agosto (7) com a presença do escritor português Valter Hugo Mãe. Um dos mais cultuados autores da língua portuguesa atualmente, Mãe vem a Curitiba falar de seu mais recente livro, *A desumanização*, um romance que se passa no oeste dos fiordes islandeses, um lugar onde o sonho e o pesadelo se confundem. O evento acontece na Capela Santa Maria, na rua Conselheiro Laurindo, número 273, às 19h. O Litercultura está na sua segunda edição, agora dividido em capítulos. O primeiro deles, realizado em maio, trouxe à Curitiba uma discussão sobre futebol e literatura, com a presença do jornalista Geneton Moraes e do escritor Sérgio Rodrigues. O festival estreou em 2013 com uma conferência com J. M. Coetzee, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura.

Paranaenses disputam o Portugal Telecom

Cinco autores paranaenses ou radicados no Estado seguem na disputa pelo Prêmio Portugal Telecom. Na categoria Conto/Crônica, foram classificados Luís Henrique Pellanda, com *Asa de sereia*, e Cristovão Tezza, com *Um operário em férias*. Na Poesia, outros dois autores concorrem: Rodrigo Garcia Lopes, com *Estúdio realidade*, e Guilherme Gontijo Flores, com *Brasa enganosa*. No gênero romance, Rogério Pereira, diretor da Biblioteca Pública do Paraná, concorre com *Na escuridão, amanhã*. Ao todo, 64 livros foram selecionados para a semifinal do Prêmio. Na próxima fase, 12 autores vão para a final, sendo quatro por categoria. Os vencedores ganham R\$ 50 mil e concorrem, entre si, ao Grande Prêmio Portugal Telecom, cujo vencedor leva outros R\$ 50 mil. Em 2013, os vencedores foram Eucanãa Ferraz, com o livro *Sentimental* (Poesia); Cíntia Moscovich, com *Essa coisa brilhante que é a chuva* (Conto/Crônica); e José Luiz dos Passos, com *O sonâmbulo amador* (Romance), que também foi o vencedor do Grande Prêmio.

Contos da Lama

Divulgação



A revista Lama, dedicada à literatura *pulp*, acaba de publicar seu primeiro livro. *Lama — Antologia I* traz uma coleção dos contos publicados no site da revista entre dezembro de 2011 e outubro de 2012. A organização da coletânea é do editor Fabiano Vianna. No site da revista, as histórias são publicadas sempre de forma colaborativa, em parcerias entre escritores, fotógrafos, ilustradores e cineastas. O livro sai pela editora Máquina de escrever.

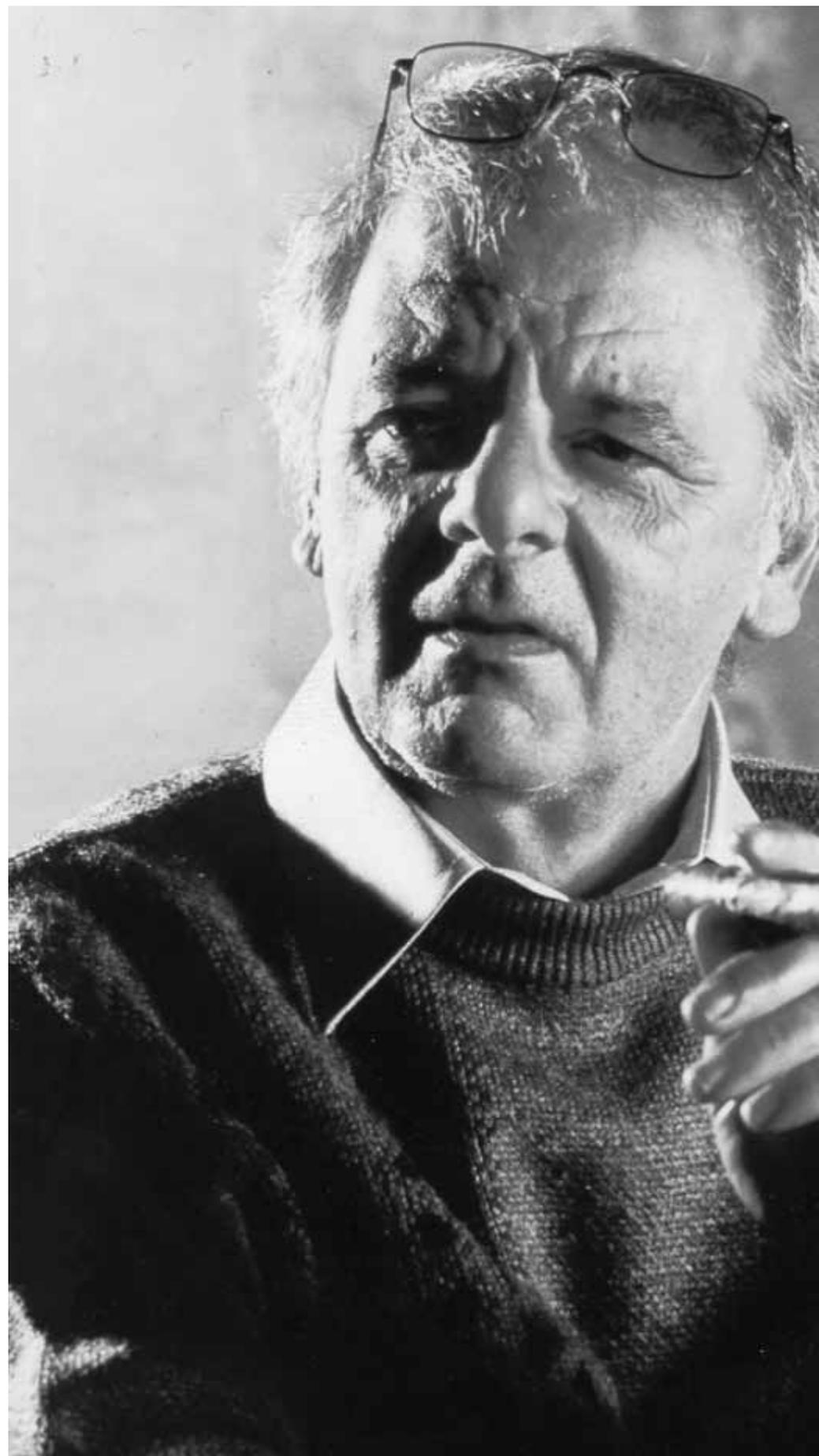
“Salvar alguém de alguma coisa”

O gaúcho Sergio Faraco fala sobre o conto, gênero que o consagrou com um dos mestres da ficção nacional, e de sua opção por deixar, há dez anos, a escrita literária

LUIZ REBINSKI JUNIOR E MARCIO RENATO DOS SANTOS

Sergio Faraco poderia ser um personagem de Enrique Vila-Matas, autor espanhol fascinado por enredos metaliterários e criador de tipos estranhos, como suicidas que não conseguem morrer e escritores que param de escrever. Faraco, um dos maiores contistas brasileiros da segunda metade do século XX, deixou a escrita há dez anos. Nem ele mesmo sabe o motivo. Autor de histórias clássicas, como “Dançar tango em Porto Alegre”, diz simplesmente que já não consegue escrever bons contos, demonstrando uma autocrítica rara entre escritores, sempre ávidos a qualquer tipo de publicação.

Com mais de 40 anos de carreira e 20 livros publicados, seus *Contos completos* foram reunidos em um único volume pela editora gaúcha L&PM em 1995. Desde então, a antologia ganhou outras duas edições. O livro mapeia a trajetória de Faraco em todas as suas





Divulgação

fases, desde os os contos “de fronteira”, em que a linguagem do Rio Grande profundo é marcante, até as histórias mais urbanas, onde a solidão é onipresente. Ou seja, trata-se de uma obra obrigatória para entender um autor essencial, mas que continua pouco conhecido fora de seu Estado.

Assim como nos contos de Faraco, a entrevista que segue é permeada por um tom de resignação, ainda que com um fiapo de esperança. “Certa vez eu disse que um escritor sempre pensa que vai salvar alguém de alguma coisa. Essa ideia talvez não sirva para outros escritores, mas serve para mim”, diz.

O autor também fala sobre a recepção de sua obra no exterior, em países como Uruguai e Itália, da experiência como tradutor e de suas memórias do período em que viveu na ex-União Soviética, entre 1963 e 1965, que resultou no livro *Lágrimas na chuva*.

Há quem diga que um conto pode ser definido como uma cena. O que o senhor acha da pensata? Afinal, os contos, diríamos, mais urbanos de *Dançar tango em Porto Alegre* apresentam ao leitor uma cena, a exemplo de “Um aceno na garoa”, que mostra um encontro na noite, e “Café Paris”, a respeito de um reencontro. O que acha da tese? Um conto, em sua essência, é a representação uma cena?

Imagino que se possa pensar que representa uma cena, mas uma cena que não seria parte de algo mais extenso e complexo, como no teatro, e fosse ela mesma essa totalidade, isto é, uma história que começa e se desenvolve até alcançar seu próprio epílogo. Na verdade, acho que essa questão depende do que se entende por cena.

A primeira parte de seus *Contos completos* traz histórias com uma dicção calcada no linguajar do gaúcho do Rio Grande profundo. Com

muitos termos peculiares a essa região do Brasil, além de algumas palavras oriundas do espanhol, de países que fazem fronteira com o Estado. O senhor considera esse núcleo de sua obra como regionalista? E mais: esse tipo de literatura, de alguma forma, restringiu a recepção de sua obra fora do Rio Grande do Sul?

Meus relatos fronteiriços, geralmente, praticam os mesmos temas de outros cuja proveniência é urbana, mas é natural que haja diferenças na dicção do narrador ou das personagens. Um habitante da fronteira com Misiones não fala como um porto-alegrense, e o escritor tem de respeitar o que é típico da geografia em que se passa sua história. Se isso se chama regionalismo, bem, aí está algo que, para mim, nada significa. O que importa é a qualidade. Se o vinho é bom não precisa de rótulo, diz Rosalinda em “Como gostais”. Não sei se, por causa desse suposto regionalismo, houve restrições à minha ficção em outros lugares. Não me consta que tenha havido, por exemplo, com relação a Guimarães Rosa, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mário Palmério ou José Lins do Rego. De resto, os contos de fronteira são apenas uma parte do que escrevi. O menor curso de meus livros terá outras razões.

O “amor impossível”, em que pessoas são separadas por adversidades da vida cotidiana, é um tema bastante presente em seus contos, inclusive no livro de memórias de seu período russo, *Lágrimas na chuva*. O senhor concorda que esse talvez seja o grande tema de sua obra?

Não delibero sobre o tema, ele nasce com a história, ou deriva da história, quem sabe a cria, mas olhando para trás, para o que está feito e publicado, suponho que o que mais se mostra em minha ficção é a solidão e, ao mesmo tempo, a esperança de que essa infelicidade

possa ser atenuada. Certa vez eu disse que um escritor sempre pensa que vai salvar alguém de alguma coisa. Essa ideia talvez não sirva para outros escritores, mas serve para mim.

O deslocamento do ser humano, que é um assunto comum a muitos escritores, também permeia sua obra. No seu caso, há ainda a questão de um certo isolamento do gaúcho em relação ao restante do país. Considera seus personagens *outsiders*? A questão da identidade gaúcha está inserida nesse contexto?

Os gaúchos diferimos um tanto dos brasileiros em geral, temos nossos traços, mas essa tipicidade não deve surpreender quem a constata. O Brasil é um crisol de identidades regionais, e o brasileiro não é um tipo, ou só passa a ser quando, no exterior, confunde-se brasileiro com carioca. Talvez um dos atributos do rio-grandense seja certo influxo platino, mas, veja só, fomos nós que defendemos a integridade do território brasileiro após a invasão espanhola de 1763, de modo que pertencermos ao Brasil foi uma opção, e dela nos orgulhamos. Movimentos separatistas houve muitos no país, sobretudo na Bahia, em pleno século XIX, e então não se admite que a Guerra dos Farrapos venha a ser o fermento de algum cisma. Se há de fato esse isolamento, é preciso buscar o móvel fora do Rio Grande. Costumo dizer que nós, aqui no Sul, consideramos o Brasil um país amigo, mas é só uma brincadeira, para implicar com quem não gosta de nós. E minha ficção não tem nada a ver com isso. Escrevo sobre os fronteiriços como Graciliano sobre os retirantes. Tudo é Brasil.

O leitor que lê apenas seu livro *Dançar tango em Porto Alegre*, que conquistou o Prêmio de Ficção 1999 da Academia Brasileira de Letras, encontra três partes e também três temáticas. Primeiro, os contos do interior. Depois, contos

ENTREVISTA | SERGIO FARACO

Arquivo do escritor



Da esquerda para a direita, Laury Maciel, Charles Kiefer, Mário Quintana, Sergio Faraco e Arnaldo Campos, em 1986, na Feira do Livro de Gramado.

que mostram um olhar de criança que começa a conhecer o mundo, como em “A língua do cão chinês”. E, enfim, os contos que apresentam um certo olhar desencantado a respeito do amor, como “Café Paris” e inclusive no elogiado “Dançar tango em Porto Alegre”. Essa observação é pertinente? Em suas obras há essa repartição de temas?

Dançar tango em Porto Alegre é uma antologia que reedita a estrutura dos *Contos completos*, cuja primeira edição é de 1995. Como minha ficção parece provir de três vertentes, julguei apropriado reunir em cada parte os relatos que se assemelham. É uma conveniência menos literária do que editorial. Por outro lado, não creio que meus contos — ou sua maioria — possam sugerir desencanto em relação ao amor. Em “Dançar tango em Porto Alegre”, por exemplo, tenho a impressão, quase a certeza, de que esse sentimento surge como uma redenção para duas vidas destroçadas.

O senhor viveu na União Soviética entre 1963 e 1965 e apenas em 2002 publicou *Lágrimas na chuva*, um livro de memórias a respeito da experiência que, de acordo com o que está no relato, o marcou profundamente. Por que demorou tantos anos para escrever e publicar o livro que, a exemplo dos seus contos, traz capítulos breves e, cada um dos capítulos, se concentra praticamente em uma cena?

Dada a minha especialidade, pode ser que, nesse livro, cada capítulo funcione como um conto, ou talvez uma crônica. A diferença é que há uma sequência, trata-se de lembrar o que ocorreu, continuamente, naquele período da minha vida. Demorei para escrever por mais de um motivo. Em 1965, pouco depois de voltar ao Brasil, fui preso, e enquanto estive na prisão os policiais forçaram a porta de meu apartamento e recolheram meus papéis, entre eles os primeiros rascunhos daquilo que, mais tarde, seria essa memória. Usaram aquelas páginas



Retrato do escritor nos tempos em que morou na Rússia, entre 1963 e 1965.

para me interrogar e então, durante certo tempo, elas me pareceram pouco menos que malditas. Também não escrevia porque não conseguia progredir. Os sentimentos ainda estavam muito vivos, e quando não devidamente elaborados eles conspiram contra a lucidez. Eu desejava escrever um livro que fosse verdadeiro, mas sem mágoas, sem rancores.

A sua obra, pelo menos nos anos mais recentes, é toda publicada pela L&PM. Alguns escritores e editores costumam dizer que o Rio Grande do Sul é auto-sustentável em relação à produção e consumo de literatura. O senhor concorda?

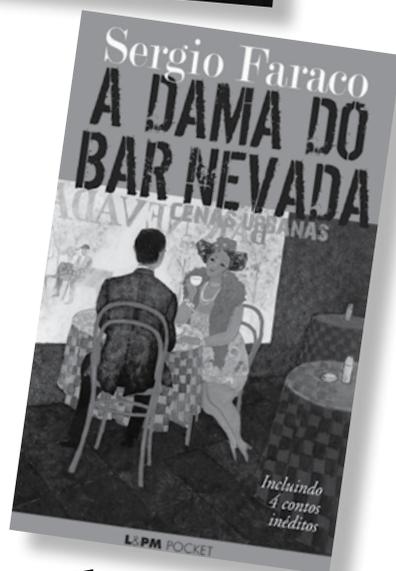
Não conheço as particularidades do mercado livreiro, mas consta que, por causa das inúmeras feiras de livros, organizadas

até em municípios recém-emancipados, as edições de autores gaúchos se esgotam aqui mesmo. Há outras iniciativas, como o programa Autor Presente do Instituto Estadual do Livro, que leva o escritor a escolas da capital e do interior. Ignoro o que essas realizações representam em números, mas me lembro de algo revelador que ocorreu em 1997, na Feira do Livro de Porto Alegre. Autografaram suas obras dois afamados autores: Mario Vargas Llosa e Paulo Coelho. No entanto, o livro mais vendido da feira foi um romance de Luiz Antonio de Assis Brasil.

Sua obra tem mais ressonância no Rio Grande do Sul, território da L&PM, ou há leitores de sua ficção em todo o país?

Sim, meus livros têm mais leitores no Sul, embora a L&PM disponha de eficiente distribuição nacional. Há de contribuir para tal limitação o meu temperamento. Ao contrário do que habitualmente fazem os autores, não ajudo o editor. Não viajo para participar de eventos literários ou lançar livros, raramente dou entrevistas e isto quer dizer que minha ficção teria de ser extraordinária para se impor pela qualidade.

Nos últimos anos, a literatura saiu um pouco (não muito) do gueto. O mercado editorial melhorou, há um circuito de feiras no país e os processos de publicação ficaram facilitados, o que possibilitou o surgimento de novos escritores. O senhor está a par desse processo? Por que não frequenta muito o circuito literário do país?



Vejo que há mudanças, mas não as acompanho e não sei exatamente quais os seus benefícios. Imagino que os haja, decerto. Tenho uma vida discreta, retirada, e não gosto nem um pouco disso que se chama “circuito literário”. Não julgo necessário para a literatura que o escritor se exponha, ainda que hoje essa exposição seja comum.

E em relação aos novos escritores, tem acompanhado? Gosta de algum autor da nova geração? O que faz parte de suas leituras hoje em dia?

Minhas leituras são as de sempre, os clássicos e algum livro moderno que desperte minha curiosidade. Os jovens autores de hoje eu não conheço, nem mesmo lhes sei os nomes, exceto de alguns que vivem em Porto Alegre. Há tantas obras capitais que precisam ser lidas, uma vida não é bastante e então não sobra tempo para ler o que faz de bom a nova geração.

O senhor também escreveu um livro dedicado à sinuca, jogo do qual é praticante. Consegue fazer alguma conexão entre sinuca e literatura?

Jogo desde os 13 anos. Frequento os salões da cidade e também dispoenho de um salão em casa. João Antônio e Luiz Vilela, quando estiveram em Porto Alegre, vieram jogar comigo. Também jogou aqui em casa o Roberto Gomes. Tenho um conto sobre o snooker, “Saloon”, mas o jogo, convenhamos, é apenas uma distração, não exageremos seu papel.

Por que o senhor não publica mais ficção? Quando foi exatamente que escreveu seu último conto? E, aproveitando: desde quando escreve ficção? Durante quantos anos escreveu? Não pensa em voltar?

Não escrevo mais porque já não consigo escrever bons contos. Nos anos 1990, pouco a pouco fui parando, e depois perdi o interesse. Não me lembro de quando escrevi o último conto, terá

sido antes da segunda edição dos *Contos completos*, que é de 2004. Nunca o publiquei, justamente por ser ruim. Às vezes me pergunto o porquê desse processo, se é consequência da idade, ou da presença de outros interesses, ou de preocupações diversas. Bem, acho que, ao menos em parte — e já que precisamos de um culpado —, minha progressiva incapacidade seguiu passo a passo o ritmo em que eu fazia traduções. A tradução é um bom exercício para quem escreve, mas traduzi três dezenas de livros, na maioria obras de ficção. Não é pouco. Quem traduz precisa, por assim dizer, assumir o rosto do traduzido. Quem sabe não perdi o meu nesses embates.

Um de seus livros acaba de ser lançado no Uruguai (*La dama del bar Nevada y otros cuentos*). Como é a recepção de sua obra no exterior?

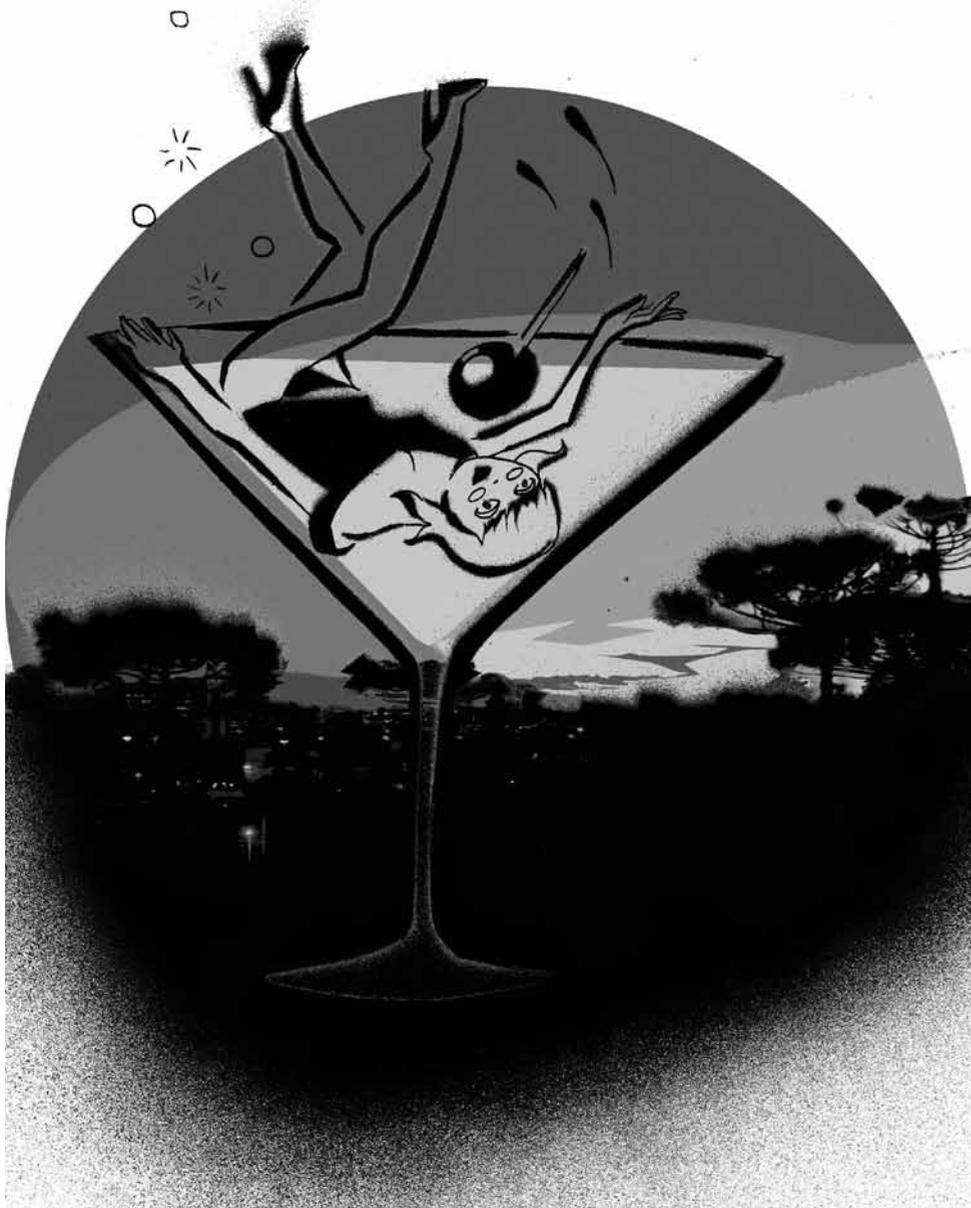
É o meu quarto livro no Uruguai. Como a edição é de 4.000 exemplares, presumo que, na opinião do editor, há leitores suficientes para que ela não lhe dê prejuízo. Neste ano, também sai uma coletânea na Itália. Há contos publicados em diversos países e idiomas, mas nada sei sobre a repercussão, se é que houve alguma.

Quem são os mestres do conto? Pode citar alguns e explicar quais os pontos de contato entre a literatura de seus possíveis mestres e a sua prosa?

O contista que mais admiro, entre outros óbvios, é Hemingway, o Hemingway de Nick Adams. Lembro-me de ter lido bons contos de um autor francês, Bernard Clavel (*O espião dos olhos verdes*), e de um norte-americano, Robert Sheckley, autor de *Inalterado por mãos humanas*, livro que me foi apresentado pelo Mario Quintana. Entre os brasileiros, meus preferidos são Lygia Fagundes Telles e Dalton Trevisan. Não vejo relação entre minhas leituras e o que escrevi. Se existe — e admito que possa existir —, nunca notei. ■

CURTIR CURITIBA (DESMEMÓRIA)

Ilustração: **Fúlvio Pacheco**



Márcia Denser é pesquisadora de literatura e jornalista. Nasceu e vive em São Paulo. É autora dos livros *Tango fantasma*, *O animal dos motéis*, *Exercícios para o pecado*, *Diana caçadora/Tango Fantasma*, *A ponte das estrelas*, *Caim* e *Toda prosa II* — obra escolhida. Foi traduzida em nove países e em dez línguas. Dois de seus contos foram incluídos nos *Cem melhores contos brasileiros do século*, organizado por Ítalo Moriconi. Seu conto *Hell's Angel* está também entre os *Cem melhores contos eróticos universais*.

Enxergamos a vida através da memória. Conheço pouco Curitiba para além dum saber intelectual, não tenho vivência dessa cidade, apenas remotas lembranças ressecadas no fundo da minha juventude. Dourada, diga-se. E sendo e vindo duma juventude assim, além de paulistana encalacrada, minha visão (e libido) seria insidiosamente voltada para dentro de mim mesma, o ego funcionando como uma espécie de sol único dum universo escuro, secundário, vassalo e servil, profusamente indistinto, sempre me chegando (quando chegava) através dum olhar periférico, distraído, de relance, como no caso de precisar arredar objetos do caminho, essas coisas.

Numa ficção recente escrevi que aos vinte, vinte e dois anos, eu tinha uma namorada rica, gordo, alcoólatra e bem careta, além de fundamentalista em Cristo e Camarões vermelhos (atributos que absolutamente não se excluem, muito ao contrário, se completam) chamado Alvim, um sujeito por quem eu alimentava um sentimento extremamente pragmático e confortável: afinal ele me pagava a faculdade (que já era uma fortuna), me dava de presente toda a moda de Paris, almoços e jantares cinco estrelas, sem contar as viagens e hotéis e é aí que eu quero chegar. Nas viagens e hotéis.

A geografia — e respectiva logística — do nosso romance compreendia incessantes viagens (que ficar em Sampa também é um saco) relâmpago ao Rio, Cabo Frio, Campos do Jordão, Teresópolis, Buenos Aires — sempre nos fins-de-semana, até porque eu trabalhava

tipo o dia todo. E entre as cidades citadas se incorporou imprevisivelmente Curitiba. Por quê? Porque as cidades citadas, inclusive Curitiba, não eram visitadas.

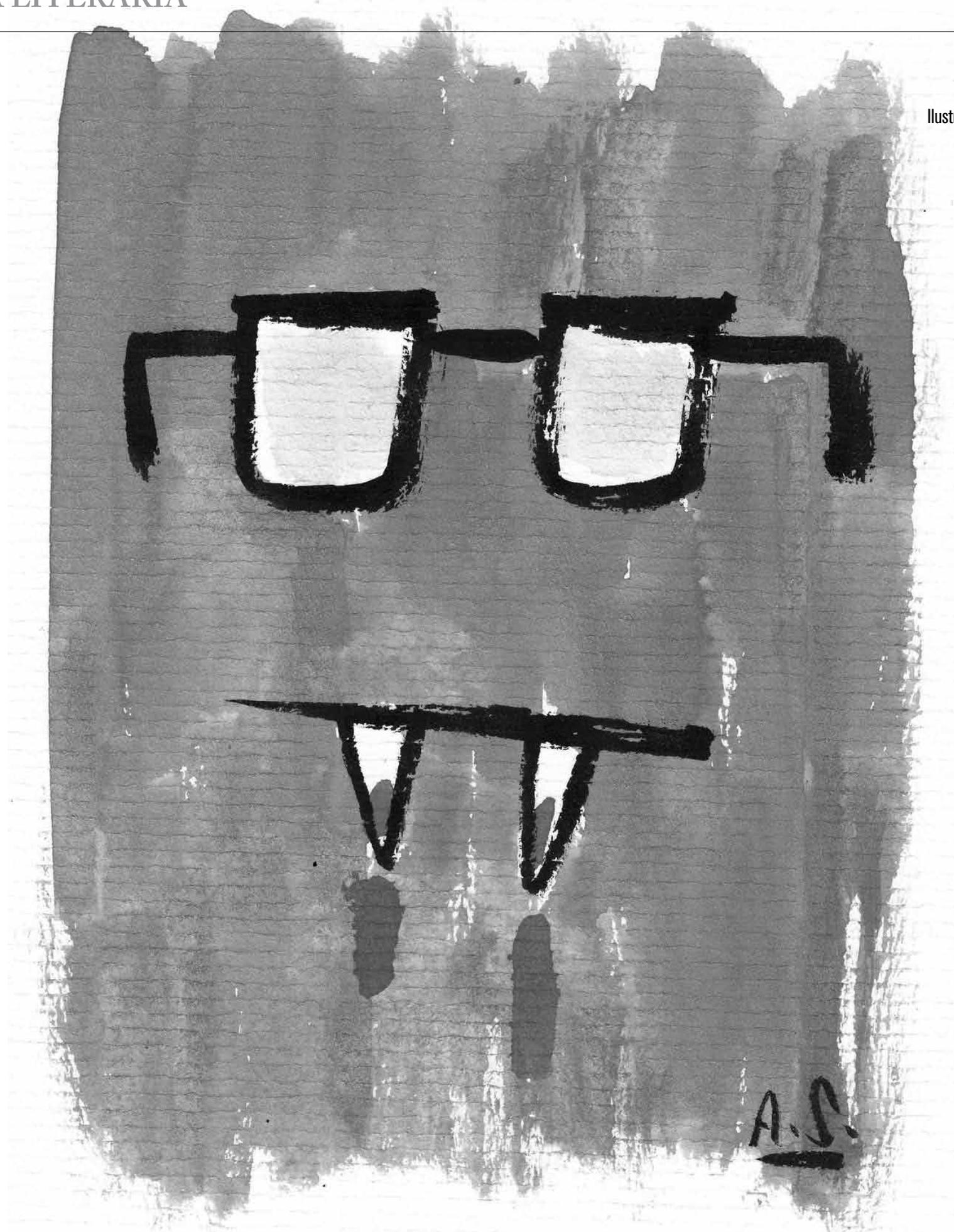
Não se fazia porra de passeio algum fosse no Rio, Buenos Aires ou Curitiba, nada conhecíamos (nem estávamos interessados) para além da estadia em hotéis cinco estrelas — desses onde se pode pedir tranquilamente canapé de caviar e vodka às três da manhã — e dos restaurantes elegantíssimos com contas estratosféricas. A vida de Alvim resumia-se em três operações: beber, comer e gastar (as duas últimas como pretextos para a primeira), algo que ele poderia fazer só ou agradavelmente acompanhado e é aqui que eu entrava.

Triste, não? A vida como um horizonte monótono entre um porre e uma ressaca. A minha vida com Alvim, o meu amor por Alvim: nossas bebedeiras siderúrgicas.

Evidentemente aos 22 anos — como a temperatura nos jatos da Varig (que aliás não existe mais) — eu não tinha nenhum espírito crítico. Apenas uma cega voracidade imensa de viver. Que hoje, aos sessenta, perdi completamente, restando apenas a lembrança duma vida não vivida, antes consumida cegamente.

De modo que não se entristeça, Curitiba, se não te curti devidamente, posto que à mesma logística dispensada ao Rio, Cabo Frio, Campos do Jordão e Buenos Aires, você se incorporou passivamente como mais uma cidade sem rosto e sem alma para além da confortável cortiça cinco estrelas à la carte da primeira classe presente em todos os jatos da Varig (que aliás não existe mais). ■

Ilustração: **Allan Sieber**



A.S.



A gênese do Vampiro

Um dos maiores clássicos da literatura brasileira, *O Vampiro de Curitiba* se impôs, ao longo de cinco décadas, no imaginário de leitores de diversas gerações, fazendo de Curitiba uma cidade mitológica à maneira de Macondo

LUIZ REBINSKI JUNIOR

Dalton Trevisan, desde sempre, teve total domínio sobre sua obra. E isso vai além da linguagem apurada e singular que o escritor criou. Ainda nos anos 1940, simultaneamente à experiência da revista *Joaquim*, lançou dois livros de contos — *Sonatas ao luar* e *Sete anos de pastor* — que renegou. As coletâneas escritas por um imaturo escritor de vinte e poucos anos nunca mais foram vistas desde então.

Em 1964, o autor já despontava no cenário nacional e havia cometido duas pequenas obras-primas: *Novelas nada exemplares* e *Cemitério de elefantes*. Os livros foram editados pela José Olympio, a casa editorial que lançou grande parte dos romancistas da fabulosa geração de 1930 e que à época era o que se pode chamar hoje de *cult*. O que não impediu Dalton de editar por conta própria o livro que moldaria sua própria imagem diante dos leitores e, como poucas obras literárias no mundo conseguem, se inseriria no imaginário de uma cidade. *O Vampiro de Curitiba*, depois de 50 anos de sua publicação, extrapolou os limites da ficção e é citado até mesmo por quem nunca o leu, fenômeno reservado apenas aos clássicos.

Como tudo que cerca Dalton Trevisan é feito à sua maneira, *O Vampiro de Curitiba*, seu livro mais famoso ainda hoje, sofre de um equívoco editorial que grande parte da crítica, dos leitores e da imprensa desconhece. Oficialmente o livro foi lançado em 1965 pela já citada José Olympio, que o distribuiu nacionalmente. Mas para o próprio autor, seu clássico nasceu mesmo um ano antes, em 1964.

A edição feita pela Papelaria Requião, antiga anunciante dos tempos de

Joaquim, é uma espécie de *single* do livro que seria editado no ano seguinte. Com apenas seis dos 15 contos que consagrariam a coletânea, o livro é modesto, uma edição semi-caseira sem ilustração e com pouquíssimas informações editoriais. Um modelo que Dalton Trevisan adotaria para promover sua literatura junto a leitores escolhidos a dedo. Os chamados livros de cordel do Vampiro. O livro teria mudanças significativas desde a primeira versão, sendo revisito a cada nova edição.

O jornalista Luiz Geraldo Mazza lembra que o segundo livro (oficial) do escritor, *Cemitério de elefantes*, já circulava no início dos anos 1960 em Curitiba antes da publicação pela carioca José Olympio. À época Mazza fazia parte de um seleto grupo de intelectuais que frequentava a Boca Maldita, no centro de Curitiba, espaço em que também transitava Dalton Trevisan. A partir de histórias ouvidas ali, Dalton colhia o substrato de parte de sua obra.

“Todo mundo sabe que o Dalton se apropria de histórias que escuta na rua. O Nelsinho, protagonista de *O Vampiro de Curitiba*, foi inspirado em um jornalista do *Última Hora*, que trabalhava na sucursal do jornal em Curitiba. Chamava-se Mauri Furtado e tinha um ótimo texto. O Dalton então se inspirou nele e no que ele escrevia sobre o lado boêmio da cidade para compor o personagem”, diz Mazza, ele mesmo já considerado um mito do jornalismo paranaense.

Personagem de muitas vidas

Com o grau de singularidade que sua literatura alcançara, Dalton Trevisan não poderia simplesmente se apropriar de um mito, precisava recriá-lo.

Daí seu vampiro às avessas, que gosta mais de sexo do que de sangue. O quê, em si, já se configura outra subversão, afinal o escritor situa seu personagem em uma cidade que contraria os clichês relacionados ao sexo que o país ostenta. Nem a Curitiba fria, no clima e no trato, é capaz de inibir a libido do herói, que logo no início do livro explica que o sexo e as mulheres são, ao mesmo tempo, sua salvação e danação: “Ai, me dá vontade até de morrer. Veja a boquinha dela, está pedindo beijo — beijo de virgem é mordida de bicho-cabeludo. Você grita vinte e quatro horas e desmaia feliz”.

“Dar nome ao vampiro, destilar um Nelsinho dos vários ‘tarados’ da cidade gerou uma presença, para todos os leitores, inesquecível”.

Galindo Galindo, tradutor e escritor.

MEMÓRIA LITERÁRIA

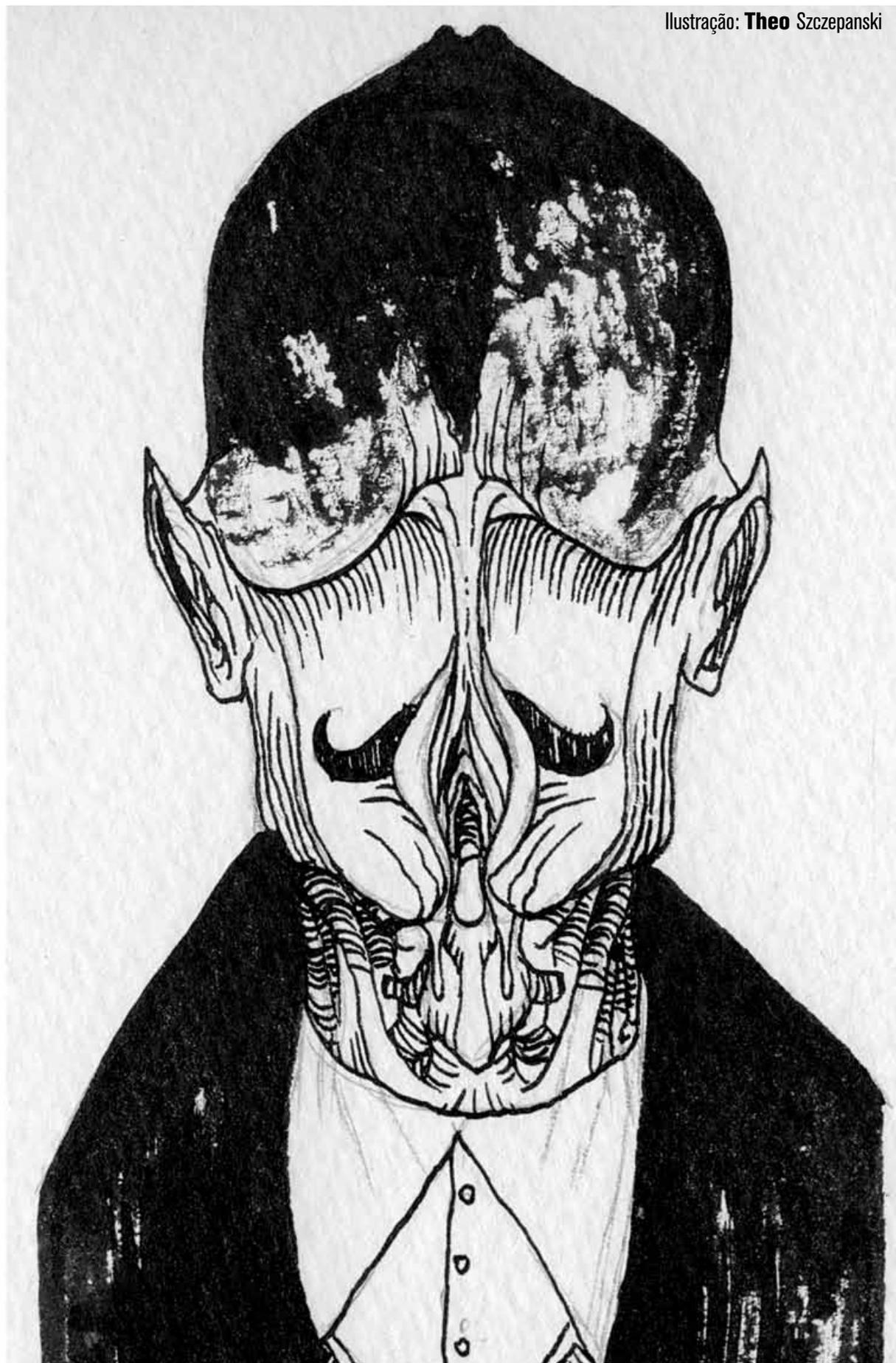
“A característica mais marcante de *O Vampiro de Curitiba*, para mim, está na habilidade de destacar num instante, num lampejo, as paixões e angústias das personagens, apresentadas em seu habitat — Curitiba. Sem falar na invisibilidade moral daquele que espreita e nos apresenta essa realidade”, opina Berta Waldman, autora de *Do Vampiro ao cafejeste*, um dos estudos mais conhecidos sobre a obra do contista paranaense. A Editora da Unicamp prepara uma nova edição do livro, a sair no segundo semestre deste ano, que virá acrescida de outros 30 ensaios que Berta escreveu nos últimos anos a respeito da obra de Dalton Trevisan.

O poeta e professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP) Augusto Massi lembra que antes da estreia nacional com *Novelas nada exemplares*, Dalton Trevisan já era um escritor bastante experimentado na ficção: havia escrito livros que mais tarde renegaria e esteve à frente de uma publicação, a revista *Joaquim*, em plena sintonia com o que de melhor se produzia em termos literários no Brasil e no mundo.

“Ao publicar *O Vampiro de Curitiba*, o escritor já tinha 20 anos de bagagem. Era alguém que dominava as regras do ofício. Mais: as obsessões do contista são registradas pela crítica e pelos leitores como um traço de originalidade. Este livro consolida a sua posição na cena literária”, diz Massi.

Com os dois primeiros livros que circularam nacionalmente, Dalton Trevisan já avisava a que vinha. Com a primeira coletânea, *Novelas nada exemplares* (uma referência irônica às *Novelas exemplares* de Cervantes), o escritor levou o I Concurso Nacional de Contos do Paraná. Mais do que repercussão nacional, com *Novelas* e *Cemitério de elefantes* o escritor dá início à saga, que já dura mais de meio século, de Joões e Marias soterrados pelo comezinho e cotidiano.

Ilustração: **Theo Szczepanski**



Os livros ficaram marcados por trazerem alguns dos contos mais célebres do autor, como “Uma vela para Dario”, uma história terrível sobre a perversidade humana que ainda hoje é lembrada, citada e serve de referência para leitores e escritores de diversas gerações. Assim como a metáfora do conto-título “Cemitério de elefantes”, usada pelo autor para descrever bêbados jogados à margem do rio Belém, permanece como uma imagem forte que ajuda a explicar, hoje, o fenômeno do crack, que tomou conta de ruas e praças de Curitiba.

No entanto, ainda que quase todas as características que consagrariam Dalton Trevisan como um gênio da literatura mundial já estivessem presentes nos primeiros trabalhos, é com *O Vampiro de Curitiba* que a prosa do escritor ganha um personagem que percorrerá um volume inteiro, ainda que sempre de modo não-linear, a confundir o leitor sobre a real identidade de Nelsinho, um ser ao mesmo tempo normalíssimo e estranhíssimo. “*O Vampiro de Curitiba* representa o primeiro momento de cristalização de um estilo”, arrisca Augusto Massi.

A própria estrutura do livro já confunde. Apresentado como novela, traz 15 histórias autônomas em que Nelsinho sempre ganha novas características: ou seja, a estrutura e a temática da obra convergem em um tipo de fragmentação, ambas esteadas por uma linguagem singularmente econômica.

Em cada esquina um vampiro

A ideia de que Dalton Trevisan criou uma cidade só sua não é nova entre os críticos. E se for correta a pensata, *O Vampiro de Curitiba* certamente figura como um momento importante para sedimentar tal fenômeno. As desventuras de Nelsinho ajudam a modelar uma cidade que, pelo menos aparentemente, é a Curitiba real, capital do Paraná. Mais uma vez Dalton confunde tudo ao moldar sua

“*O Vampiro de Curitiba* representa o primeiro momento de cristalização de um estilo”.

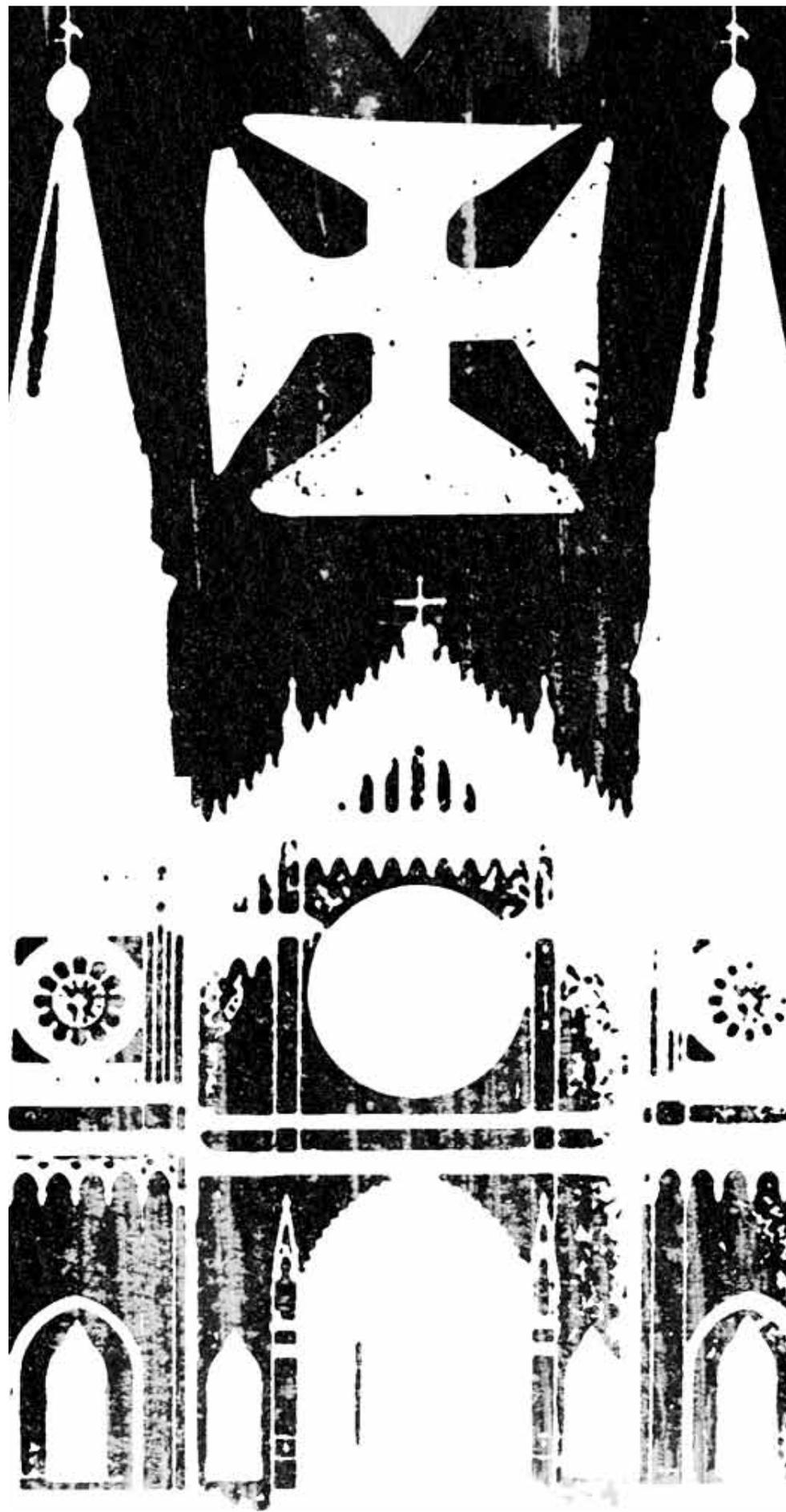
Augusto Massi, poeta e professor.

literatura a partir de um ícone real, mas suscetível ao talento do escritor.

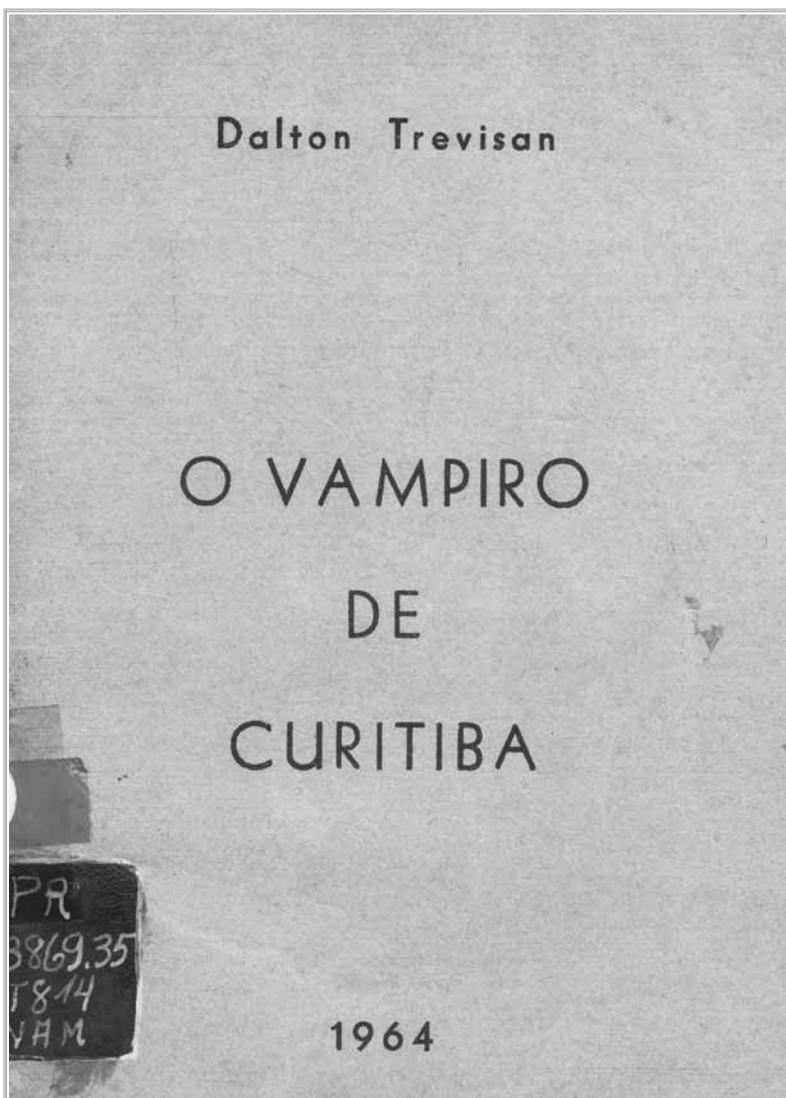
Nessa toada de criar uma mitológica Curitiba, o escritor fez de lugares obscuros da cidade real pontos antológicos que qualquer leitor forasteiro teria curiosidade de visitar. “O que não falta, nem nunca faltará, imagino, é bisbilhoteiro a visitar Curitiba com o propósito de identificar um vampiro que apareceu nesta cidade na década de 1960, mas deve continuar suplicando os beijos das virgens e suas carótidas. Algo assim como quem visita Moscou à procura do ‘Capote’ de Gogol”, diz o imortal Antônio Torres.

É o caso da “Ponte Preta”, uma pequena ponte no centro da cidade famosa hoje por complicar motoristas de caminhão, que não atinam para sua diminuta altura e acabam entalados. Mas na ficção de Dalton, no conto “Debaixo da Ponte Preta”, esse anti-ponto-turístico da cidade foi celebrizado com uma história de estupro narrada em tom policial e com várias versões. Aqui, Nelsinho ganha a forma de um pré-adolescente desorientado que violenta a menina Ritinha.

“Com este livro, Curitiba entra no mapa da literatura latino-americana,



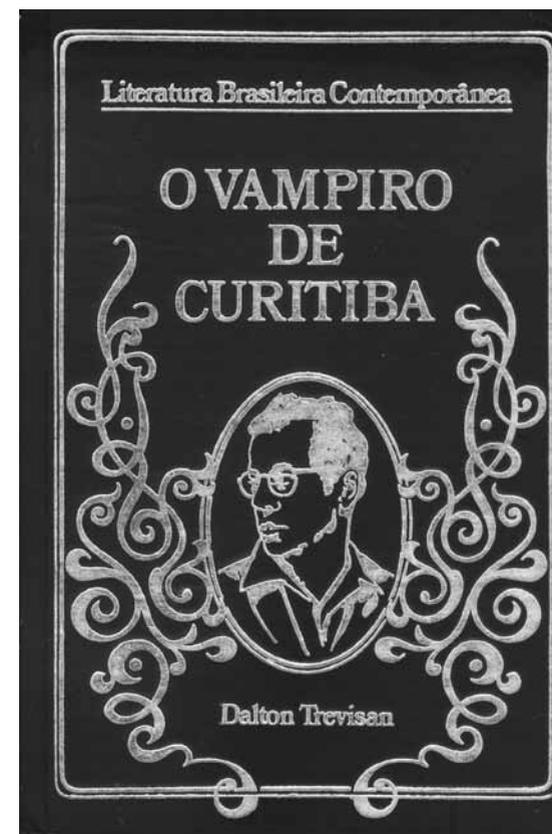
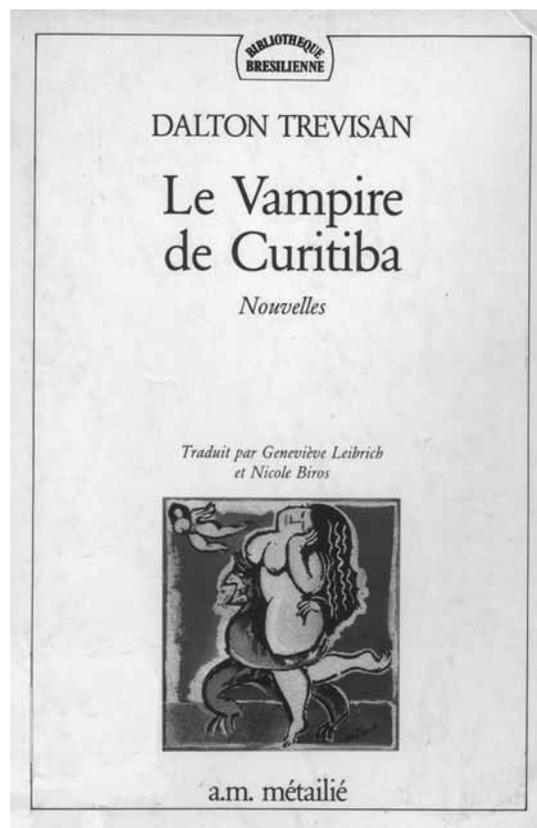
MEMÓRIA LITERÁRIA



Capa da primeira edição de *O Vampiro de Curitiba*, feita e distribuída pelo próprio autor em 1964.

“O Nelsinho, protagonista de *O Vampiro de Curitiba*, foi inspirado em um jornalista do *Última Hora*, que trabalhava na sucursal do jornal em Curitiba”,

Luiz Geraldo Mazza, jornalista.



Nesta e na página seguinte, capas de algumas das edições que o livro ganhou em cinco décadas.

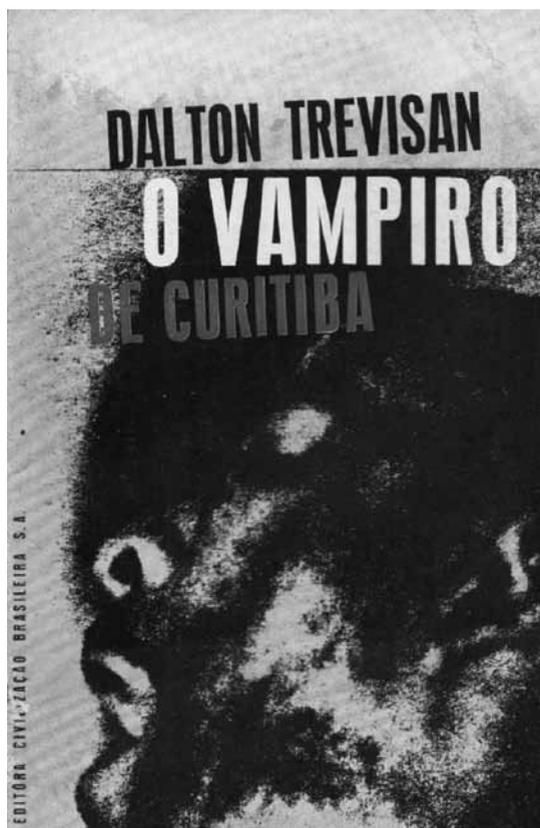
junto com Macondo, como já se observou”, diz Berta Waldman citando a mitológica cidade de *Cem anos de solidão*, que teria sido inspirada em Aracataca, local onde Gabriel García Márquez viveu grande parte de sua infância.

Augusto Massi sugere que o fato de, pela primeira vez, Dalton estampar Curitiba no próprio título de uma obra, criou um vínculo simbólico poderoso entre o autor e a cidade. “Um pouco à maneira do Mário de Andrade, que transformou a provinciana São Paulo numa moderníssima *Pauliceia desvairada*, Dalton soube galvanizar Curitiba e o mito universal do Vampiro. A força de todo mito está em ser recontado, viajar, correr mundo. De lá pra cá, só cresceram as lendas em torno de Trevisan e o pequeno reino da Transilvânia”, diz o professor e poeta, que durante dez anos atuou como *publisher* da editora Cosac Naify.

Influências

Outra maneira de medir a força de *O Vampiro de Curitiba* é por meio do rebuliço que causou na mente de leitores de diversas matizes e gerações. Luís Henrique Pellanda, que tem no centro de Curitiba a matéria-prima de suas crônicas, teve no clássico de Dalton Trevisan um substituto para os livros infantis que não leu quando criança. “Depois dele minha inocência já era, e acredito que foi isso o que a obra significou para a cidade também. Foi lendo *O vampiro* que descobri ser possível escrever sobre o mundo a partir de Curitiba, ao mesmo tempo em que percebia que todos os livros do mundo eram, também, sobre Curitiba.”

Vizinho de Dalton no bairro Alto da XV, próximo ao centro da cidade, o escritor e tradutor Caetano Galindo resalta a produção “coerente” do escritor ao



longo de mais de cinco décadas, em que escreve um livro “incomparável”. Também contista, Galindo, que venceu o Prêmio Paraná de Literatura em 2013 com a coletânea *Ensaio sobre o entendimento humano*, recorre à ideia de que o conjunto de contos do curitibano, na verdade, compõem um só livro, comparável a um gigantesco romance-painel.

“Mas *O Vampiro* veio num momento em que ele estava em excelente forma (tudo bem que ele nunca esteve em *má* forma) e tem esse grande atrativo, realizado ali melhor talvez que na *Polaquinha*, de sintetizar temas, obsessões e registros típicos dos contos em uma personagem mais bem delineada. Mais estável e continuada. Dar nome ao vampiro, destilar um Nelsinho dos vários ‘tarados’ da cidade gerou uma presença, para todos os leitores, inesquecível”, diz Galindo.

Já o escritor Felipe Munhoz, nascido

em 1990, é a prova de que *O Vampiro* tem atravessado gerações fazendo a cabeça de leitores. Paulistano, Munhoz viveu durante muitos anos em Curitiba e diz que a leitura da obra de Dalton Trevisan o ajudou a entender seu lugar na cidade em que passou grande parte da vida. “*O Vampiro de Curitiba* está relacionado a uma época de amadurecimento e descobertas. Uma época em que eu buscava compreender a ficção, a literatura séria; e que, através da literatura, buscava compreender as angústias que me atingiam. Além de compreender como funcionava a cidade — Curitiba — em que eu viva; e qual era meu lugar — paulistano — nessa cidade. Parece que foi ontem, parece que já faz cinquenta anos.” ■

ÍNDICE

	Págs.
O vampiro de Curitiba	3
Incidente na loja	12
Encontro com Elisa	23
Doente de paixão	30
Visita à professora	36
Na pontinha da orelha	57

Ao longo dos anos, como se tornaria praxe na literatura do autor, Dalton Trevisan reviu os contos de *O Vampiro de Curitiba* a cada nova edição do livro. Aqui, a versão da obra com apenas seis dos 15 contos que consagrariam a coletânea.

BAMBINOS

GANhei quinhentos reais por publicar um conto na *Granta*. Foi uma boa quantia e foi a única coisa que eu já ganhei com literatura e provavelmente vou ganhar. Quando a bolada entrou na minha conta, tirei logo tudo e fui à livraria Saraiva comprar dois caros calhamaços do Kerouac e um do Bolaño. Eu costumava roubar da Saraiva, mas agora eu tinha quinhentos mangos, por que não? Aí resolvi passar no Bora Bora, um boteco perto da minha casa. Cíntia Laura tava lá, a gente bebia e dormia junto de vez em quando. Era uma mãe solteira de 46 anos que aparentava, pelo menos, uns oito a mais. Eu gostava dela. Tinha um senso de humor ridículo, um gosto brega e um hábito insuportável — posso garantir que a gente se dava bem. Senta aqui, meu amor, vâmo rachar uma jarra de vinho, ela disse.

Hoje não.

Vai beber conhaque?

Vou comer em algum restaurante, quer ir?

Uh, com que dinheiro?

Ganhei escrevendo um conto.

Conto? E tu escreve, é?

Vâmo na Bambinos. Vâmo pegar um táxi.

Mas é tão perto.

E daí? Vâmo de táxi.

Meu deus, quanto tu ganhou? Mil reais?

O taxista ficou incomodado por sair do ponto pra percorrer aquela ínfima distância, mas Cíntia Laura parecia se sentir gloriosa quando eu disse Galeteria Bambinos, por favor. Pedimos uma garrafa de tinto seco de cento e sessenta reais e comemos pra caralho. Nenhum de nós costumava ficar bêbado com uma garrafa, ainda mais com o es-

tômago cheio, mas naquele dia ficamos e ela ria estridente na granfina Galeteria Bambinos enquanto eu comia polenta frita e coxas de frango com as mãos. Tua barba tá tão suja, ela disse sorrindo. Minha barra? Por quê? Barba, eu falei barba, seu surdo! e então ela gargalhou de novo imbuindo aquele clima desagradável na vida dos outros clientes. Sobre o que tu escreve?

Sobre você.

Sério, Bruno. Esse conto aí é de quê?

Sei lá.

Fala, menino.

É um moleque que apanhou numa briga e aí tá no centro da cidade com a namorada matando tempo antes de ir trabalhar.

E ele vai pro trabalho?

Sei lá, isso não aparece no conto.

É só isso? Ele matando tempo?

É, depois ele passa em casa e toma umas cervejas com a namorada travesti do pai, eu disse e, mais uma vez, ela riu pra valer. Por que tu não pede um petit gateu? perguntei, Cíntia Laura seguiu rindo, Vai fundo, pede aí. E ela pediu e comeu toda a merda daquele sorvete.

Meu ex-marido uma vez me levou numa galeteria lá no centro. Era cara também, não tão cara. A gente ficou duas horas comendo e, quando ele não aguentava mais, perguntou se não podiam fazer uma quentinha com o que tinha sobrado nos pratos. Que falta de classe, né?

Era o direito dele.

Ah, tu não faria isso.

Eu não deixaria nada no meu prato, eu disse e ela gargalhou e então começou a chorar. O que foi?

Nada. Deixa pra lá.

O garçom pareceu mesmo surpreso quando viu que a gente ia pagar

Ilustração: **Rafael Campos Rocha**





a conta, mas talvez fosse apenas nossa impressão de vira-latas. Deu trezentos mangos, ele trouxe a máquina de cartão, dispensei tirando as notas do bolso e fiquei contente porque ainda tinham sobrado quase setenta reais preu gastar com conhaque até o fim do mês. Cíntia Laura quis voltar caminhando porque o céu tava estrelado e parecia um bom fim pruma noite romântica. Entramos em sua casa, ela foi preparar um café. A filha dela, Laura, tinha dezesseis, três a menos que eu, e tava com seu namorado rapper na sala. Resolvi ficar com eles assistindo TV até ela voltar da cozinha. Pude perceber que o mano fez alguma piada a meu respeito nos ouvidos de Laura.

Qual foi? perguntei.

Nada não, bicho. Sem stress.

Stress é o caralho, eu disse.

Para, Bruno, tu tá bêbado. Laura disse.

Grande merda, esse moleque tem que ter respeito.

Vai se fuder, seu gordo de merda, o mano explodiu. Pior tu. Tu tem que ter vergonha, sacô?

Vergonha?

Vergonha na cara. De comer uma velha, com a filha aqui dentro.

Então eu levantei, puxei o mano pela camisa e ele me acertou o primeiro soco. No queixo. Não cheguei a cair, mas foi quase, apertei seu pescoço, empurrei contra a parede e comecei a bater com a cabeça dele. Ele me chutava, mas eu só queria esmagá-lo. Laura gritou pela mãe e aí começou a gritar preu parar. Era isso que teu pai faria, eu disse, enquanto seguia batendo no moleque, que, a bem da verdade, moleque ou não, devia ter a mesma idade que eu.

Não fala do César na minha casa, Cíntia Laura gritou. Deixei de bater no

mano e olhei pra ela entrando na sala, ele me acertou outro soco e me empurrou, caí de joelhos.

Parem com isso! Alex, vai embora.

Mas mãe, disse Laura.

Mas mãe nada, ela disse. Alex, vai embora daqui.

É, vai embora, Alex, eu disse.

A menina saiu chorando pro quarto. Não fala nada sobre o pai dela, sobre o meu ex-marido, nessa casa, Cíntia Laura gritou comigo de novo. Levantei e fui pra cozinha lavar o rosto e beber o café.

O que eu fiz pra merecer isso? ela chegou dizendo.

Nada, eu disse, vem beber o café.

A Laura tá um inferno. Que buçeta, nossa noite tava tão boa.

Ela não gosta da vida que tu leva.

Ô, Bruno. Quem é que ia gostar?

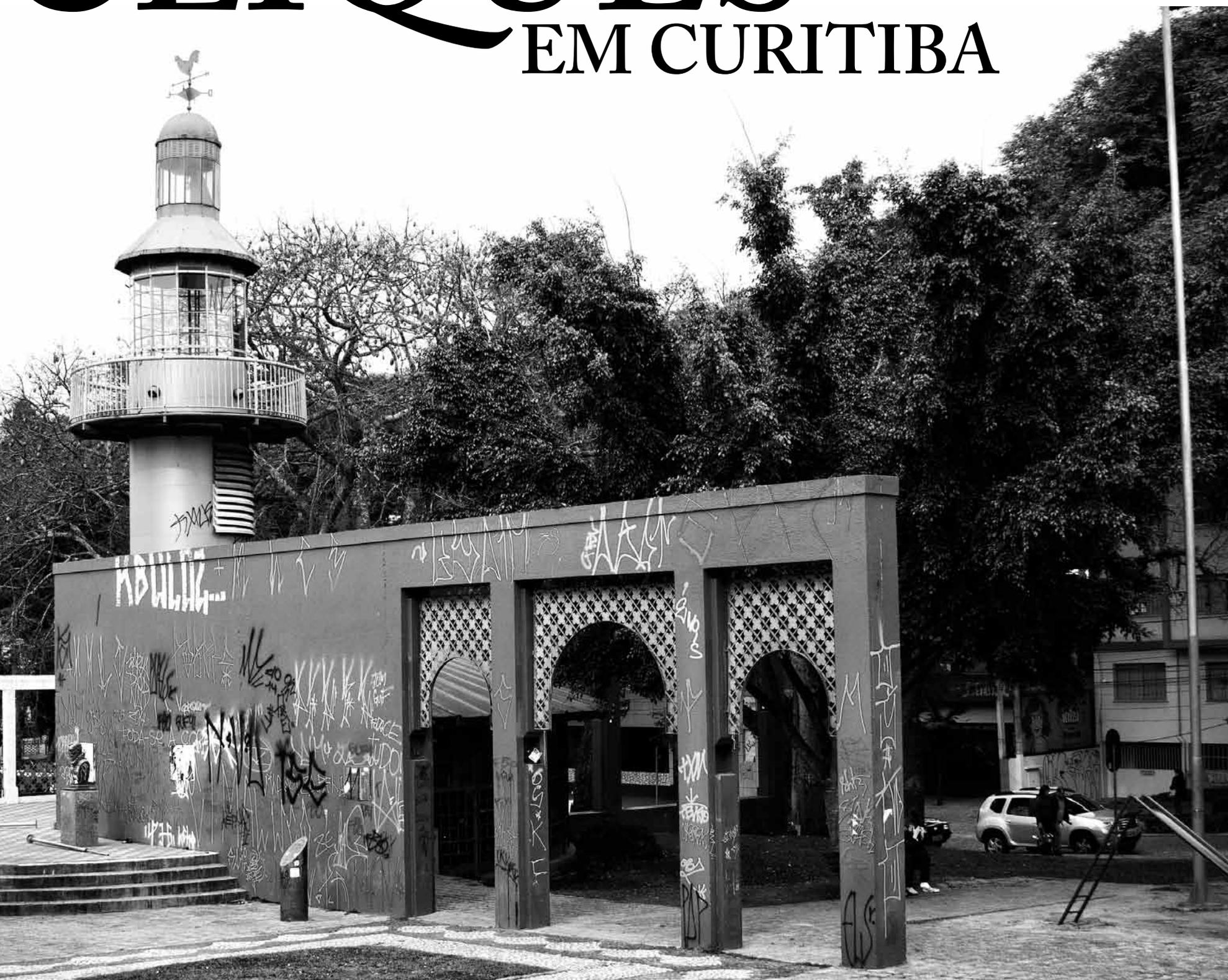
E aí a gente ficou em silêncio bebendo o café. Ainda naquela noite, voltamos ao Bora Bora. Ela achou que seria divertido. Eram umas quatro da manhã e os bêbados de sempre nos saldaram. Cíntia Laura contou a todos sobre o fato de eu ser escritor e meu pai namorar um traveco e sobre nosso jantar na Bambinos — parecia quase feliz. Fiquei ali, empurrando umas doses de Dreher até ela querer ir embora. ■

 **Bruno Bandido** nasceu em 1990 na fronteira com o Uruguai. Hoje mora na Bahia e escreve no blog brunobandido.wordpress.com. Tem contos publicados na revista *Granta* e na coletânea *É assim que o mundo acaba*. Ainda em 2014, lançará seu primeiro livro, *Tem um palhaço agressivo e um hooligan triste em algum lugar aqui dentro*.

ENSAIO | DICO KREMER

CLIQUESES

EM CURITIBA





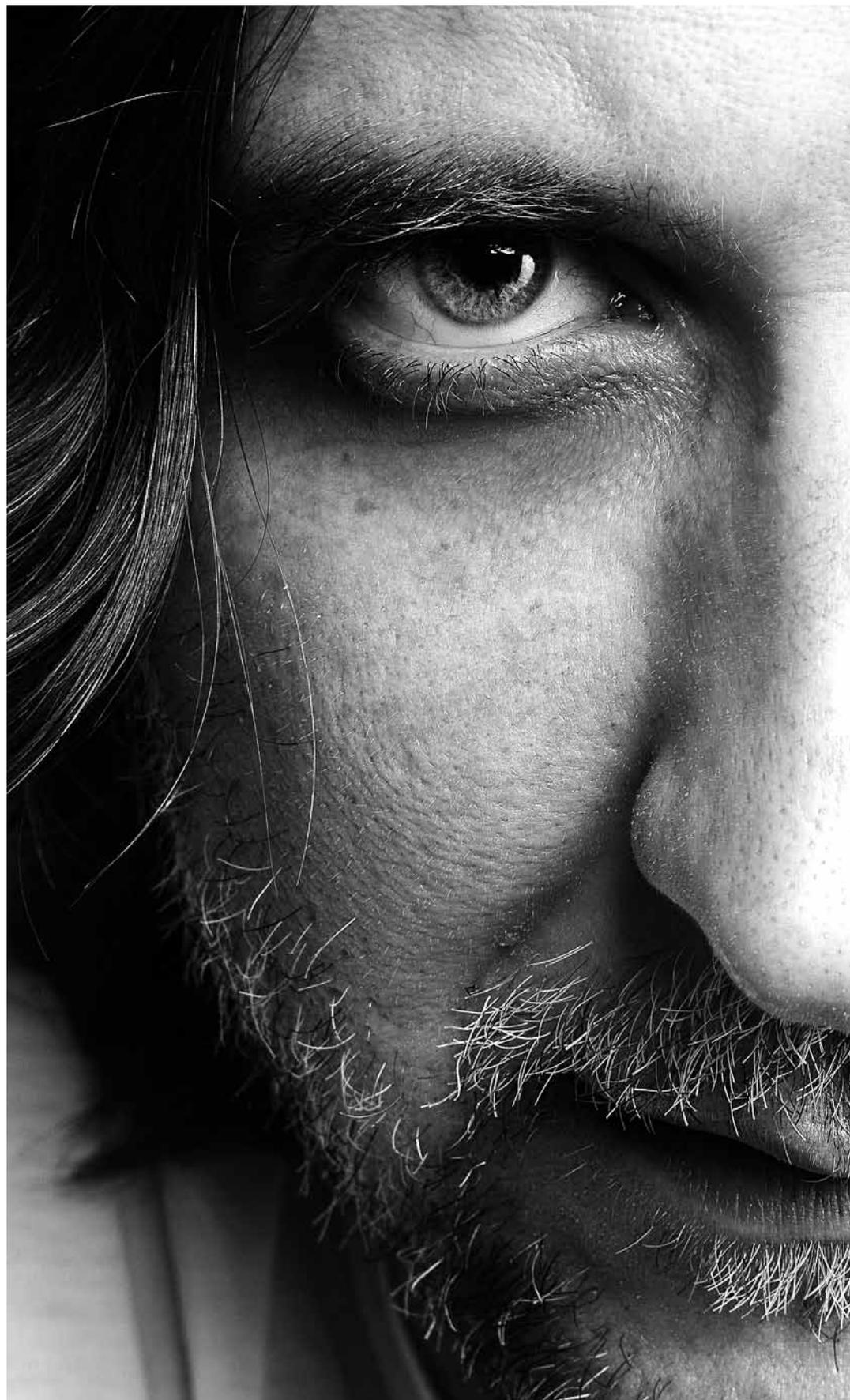
Dico Kremer é um dos mais festejados fotógrafos do mercado publicitário em Curitiba. Em 1972, fundou o primeiro estúdio em Curitiba dedicado exclusivamente a fotografia para anúncios e reclames. Em 1987 trabalhou nos estúdios da Volvo Truck Corporation em Gotemburgo, na Suécia. Viveu em Portugal entre 1990 e 1998, período no qual atendeu as maiores agência de Lisboa: Young & Rubican, Leio Burnett, Wunderman Catto Johnson, JWT, McCann Ericson, Grupo Publicis, Neocom, Portavoz. Desde 1999, está novamente em Curitiba. É editor de fotografia da revista *Ideias*, onde assina a coluna “Ensaio Fotográfico”. “Barbárie” é o título do ensaio que Kremer publica nesta edição do **Cândido**.



Cena beatnik

O legado de autores norte-americanos como Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Gregory Corso e Lawrence Ferlinghetti influenciou escritores de todo o mundo, seja pela proposta estética como pela postura existencial que ainda hoje encontram ressonância entre prosadores e poetas brasileiros

MARCIO RENATO DOS SANTOS



O poeta Marcelo Montenegro afirma que os beats o ajudaram a encontrar a sua própria voz poética. "Os beats me influenciaram a ser eu mesmo", diz.

Edson Kumasaka



Marcelo Montenegro cursava História na Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências e Letras Senador Fláquer, em Santo André, quando ouviu — no início da década de 1990 — pela primeira vez a expressão beatnik. E não foi na sala de aula, e sim em um bar — “Estava tomando cerveja com um amigo. Vendo agora, em retrospecto, é engraçado que tenha sido dessa forma: não na aula, mas no bar.” Em seguida, emprestou na biblioteca da faculdade *On the road* (1957), de Jack Kerouac. “Como eu fazia História, o mundo todo que se descortinou a partir desse livro, dos outros livros e dos outros escritores beats, representou também uma abertura de flanco ‘não literária’ importantíssima pra mim”, diz Montenegro.

Kerouac, considerado o rei dos beats, se tornou autor de cabeceira de Montenegro. O seu trabalho de conclusão de curso incluiu uma análise do *american way of life* sob a ótica da contracultura, sobretudo dos beats. “Lembro que entre os pilares teóricos do trabalho — ao lado de Eric Hobsbawm, Nicolau Sevcenko e alguns historiadores da Escola dos Annales

— estavam os poemas ‘América’, do Allen Ginsberg e ‘Autobiografia’, do Lawrence Ferlinghetti”, conta Montenegro, poeta, autor dos livros *Orfanato portátil* (2003/2012) e *Garagem lírica* (2012).

Montenegro afirma que, para ele, o grande legado beat foi a descoberta, ou então, o estímulo para encontrar a própria voz poética. “Os beats me influenciaram a ‘ser eu mesmo’. E, derivado disso, a integridade. Antes de qualquer coisa, eles buscaram modos sinceros — individuais e intransferíveis — de se viver, de estar no mundo”, afirma. “Seguramente, compartilho com o Kerouac a compaixão, a busca pelo singelo, a ternura pelas coisas simples e comoventes, o lirismo, a beatitude”, completa o poeta.

UM MUNDO MAIS LIVRE

Além de Montenegro, José Agripino de Paula, Jorge Mautner, Waly Salomão, Roberto Piva, Antonio Bivar, Reinaldo Moraes, Claudio Willer, Mário Bortolotto, Rodrigo Garcia Lopes, Ademir Assunção e Demétrios Galvão são, entre outros, autores brasileiros que incorporaram a herança beat em seus escritos.

Reprodução



Allen Ginsberg e William Burroughs, dois ícones da geração beat, nas palavras de Sergio Cohn, “um encontro de autores plurais, com vozes próprias, mas que possuíam como ponto em comum o interesse por explorar novas formas de consciência e de relação com o mundo.”

E o que seria esse legado beatnik? O professor de Literatura e Cultura Norte-Americana da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Marco Alexandre de Oliveira lembra que foi Jack Kerouac quem denominou a chamada geração beat que, por sua vez, diz respeito a toda uma geração pós-guerra de jovens escritores angustiados e “vagabundos” que se sentiam “abatidos, derrotados e fracassados”.

O termo beat, explica Oliveira,

também deriva das palavras beato e/ou beatificado, e da palavra beat no sentido de batida e/ou batuque — e ainda pode significar uma venda de drogas mal sucedida. “Portanto, os diversos significados de beat, com todas as suas contradições, expressam perfeitamente a relação daquela geração [principalmente Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Gregory Corso e Lawrence Ferlinghetti] tanto com a espiritualidade, seja no transe provocado pelo jazz ou no êxtase produzido

por experiências místicas, quanto com a materialidade, seja na embriaguez induzida pelo álcool e outras drogas ou no prazer proporcionado pelo sexo e comportamentos ilícitos”, comenta o estudioso que leciona na PUC-Rio.

A professora de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Luci Collin observa que, ao escreverem livros que expunham a violência e a censura impostas pelo establishment, denunciando a alienação causada

pelo materialismo desmedido, os autores da geração beat gradualmente colocaram em xeque a noção convencional de temáticas adequadas à literatura e, assim, ampliaram o conteúdo da expressão literária. “Os beats também contribuíram para a abertura em relação ao amor livre, a liberação gay e, embora alguns deles, como Kerouac, sejam taxados de ‘machistas’, vale dizer que a expressão beat, ao discutir a questão da opressão, também incidiu na revisão da condição da mulher, pedindo uma reavaliação de

“O legado dos beats não se restringe aos livros. A postura dos escritores da geração beat é aquela do questionamento, de um livre pensar que subverte as imposições e as regras, e que acaba gerando, em nome da liberdade mesma, uma reflexão que evidencia ser o espírito — e não o material — o espaço genuíno para o sentido de completitude das nossas vidas.”

Luci Collin, escritora, tradutora e professora da UFPR.

todos estes valores que a sociedade repressora impunha”, afirma Collin, tradutora e autora de 14 livros, entre os quais *Querer falar* (2014).

COTIDIANO REINVENTADO

Claudio Willer costuma dizer que o legado da geração beat é plural, além de literariamente complexo. “Evidentemente, há a qualidade do que os autores beats escreviam, evitando, assim, a redução [da herança] a um fenômeno apenas comportamental. Isso é corroborado por uma bibliografia crítica de qualidade, que vem crescendo nos últimos anos, de 2000 para cá”, diz Willer, poeta que conhece as obras dos beatniks desde 1961, traduziu

textos de Allen Ginsberg e Jack Kerouac e acaba de publicar *Os rebeldes: geração beat e anarquismo místico*.

Sergio Cohn analisa que, no caso dos beats, não dá para separar a linguagem da temática e do elemento existencial presente em suas obras. Cohn, poeta e editor da Azougue Editorial, tem a percepção de que a herança beat permitiu, a todos que beberam na fonte beatnik, a possibilidade de adotar uma escrita mais espontânea, uma linguagem cotidiana e aberta para termos muitas vezes tidos como ofensivos ou como não-literários. Ele chama a atenção para o fato de que, diferentemente do que algumas vozes dizem, os beats não eram talentosos ingênuos, às vezes tidos

“Não diria que houve uma cena beatnik no Brasil, nem que esta cena existe agora. Há, sim, inspiração e afinidades em diversos momentos, e existiram cenas paralelas e/ou correspondentes.”

Marco Alexandre de Oliveira, professor da PUC-Rio.



Reprodução

A vida e a obra de um William Burroughs, observa o professor da UFSC Sérgio Medeiros, não param de fascinar os leitores de hoje. “Burroughs recorreu a técnicas novas, como o cut up, radicalizando a arte da colagem no romance”, explica Medeiros.

ESPECIAL BEAT

como mais importantes no plano comportamental do que no literário.

“Quantos garotos, acreditando nessa ideia, acharam que era necessário apenas escrever caudalosamente sobre a própria vida para se criar um poema com a força de *Uivo* (1956), esquecendo que Allen Ginsberg era um artesão sofisticado dos ritmos e das sonoridades da língua inglesa, tendo inclusive escrito durante anos poemas metrificados e rimados”, observa Cohn.

Dialogando com o editor da Azougue Editorial, Marcelo Montenegro conta que os poemas que escreve, apesar do impacto beatnik, têm pouco ou mesmo nada a ver com o que se convencionou chamar de “escrita beat”, que seria algo solto e espontâneo. “Jamais, por exemplo, consegui escrever um poema que saísse num fluxo, de uma vez. Acho até uma ideia linda, mas, comigo, não funciona. E

olha que busco uma linguagem simples, límpida e até mesmo, em certo sentido, espontânea, mas, no meu caso, é uma ‘espontaneidade trabalhada’”, conta Montenegro, explicando que escreve como um “marceneiro”: “Preciso ficar muito tempo trabalhando um poema até ele ficar do jeito que eu quero”.

Era uma vez

Em sala de aula, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Sérgio Medeiros comenta com os alunos sobre o legado de Allen Ginsberg e William Burroughs. “A violência intrínseca dos seus textos mais inconformistas não perdeu a força política e estética”, afirma. Mas, a exemplo de outros professores universitários, Medeiros sabe que a geração beat é um movimento histórico encerrado: “Ninguém mais precisa ir para o México ou para o norte da África para escrever como Burroughs, ou atravessar os Estados Unidos de carro para reescrever *On the road*. Isso seria ridículo”.

Marco Alexandre de Oliveira, da PUC-Rio, acrescenta que, atualmente, se apresentar como beat seria o equivalente a se autodenominar surrealista ou tropicalista. “Esses movimentos aconteceram em determinados momentos históricos e

culturais, portanto, os nomes não devem ser ‘repetidos’. A geração beat, por exemplo, se inspirou na geração perdida dos anos 1920, mas não se apresentou como tal. Um beatnik hoje é um macaco de imitação”, diz Oliveira.

Claudio Willer acredita que, no caso da herança beatnik, a questão não é identificar autores influenciados pela geração beat e sim mostrar como se processa essa influência: qual é o intertexto, com qual autor ou aspecto da geração beat ocorre a relação. Afinal, o diálogo com o legado de Kerouac, Ginsberg e Corso é amplo, difuso e complexo de mensurar. A professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Flavia Benfatti lembra que, devido ao impacto beat, John Lennon teria batizado a sua banda com nome The Beatles. Marcelo Montenegro observa que os beats influenciaram, “de forma definitiva” Bob Dylan — “E Dylan, quantos influenciou? Abrindo o flanco aleatoriamente, podemos pensar, sei lá, em Roberto Piva e Claudio Willer no início dos anos 1960 em São Paulo. Em Sam Shepard. Em Johnny Deep. Em Jim Morrison. Em ‘Só as mães são felizes’, canção do Cazusa. Acho que o legado cultural é imenso e em várias direções”, analisa Montenegro. ■

Reprodução

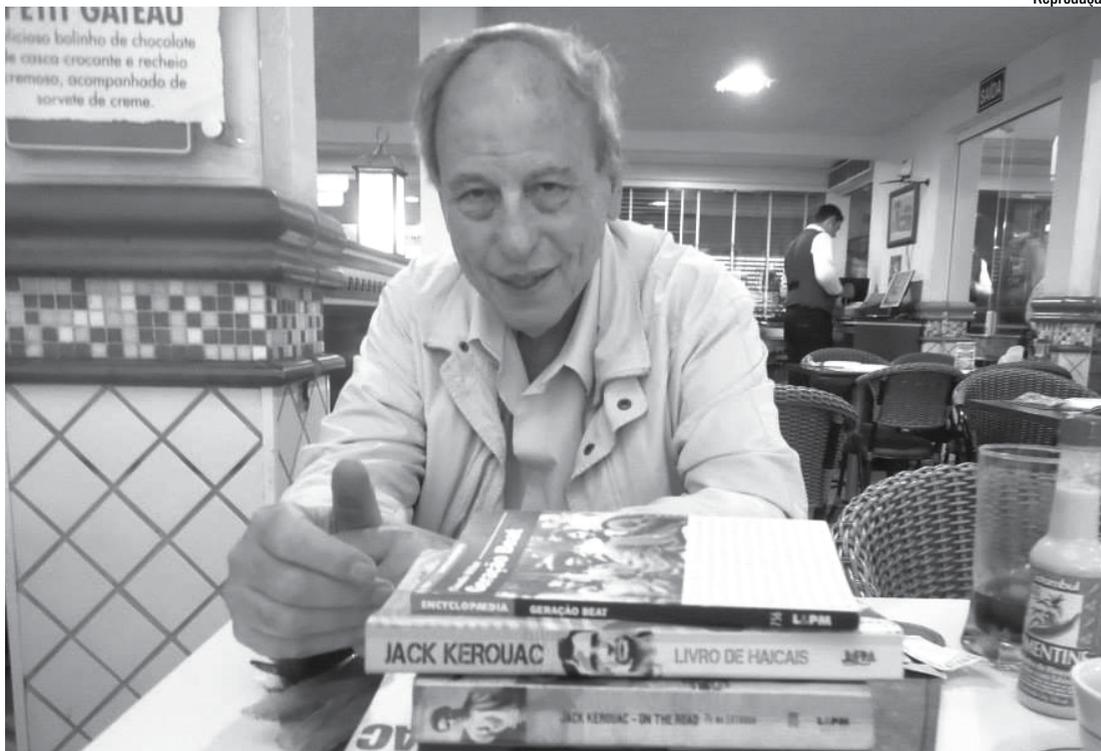


Considerado o rei dos beats, Jack Kerouac foi o líder de sua geração e é autor de *On the road*, a obra mais emblemática de sua geração, que figura nas listas de melhores livros de todos os tempos e até ganhou adaptação para o cinema.

“Há uma concentração de autores relacionados à geração beat em Londrina, alguns locais e outros que moraram lá por um tempo: o encenador e dramaturgo Mario Bortolotto e os poetas Rodrigo Garcia Lopes, Ademir Assunção e Mauricio Arruda Mendonça.”

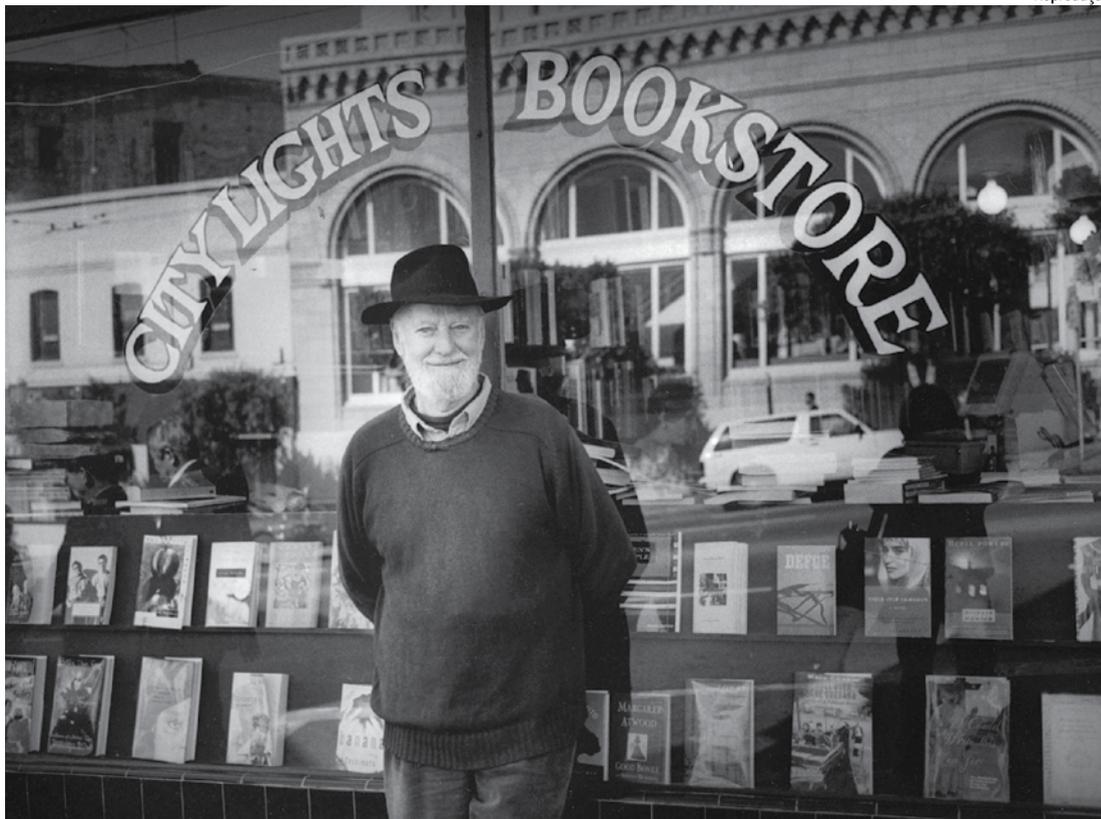
Claudio Willer, tradutor e escritor.

Reprodução



Poeta e ensaísta, Claudio Willer é sinônimo de beat no Brasil. Há 30 anos, verteu para o português *Uivo*, de Allen Ginsberg. Para ele, o legado dos beats foi a contracultura e uma sociedade mais aberta.

Reprodução



Lawrence Ferlinghetti escritor e proprietário da livraria e editora City Lights, em São Francisco, o selo que lançou e deu visibilidade a grande parte dos autores da geração beat.

BEATS E CONCRETOS?

O professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Marco Alexandre de Oliveira estabelece uma linha de raciocínio, segundo a qual, há pontos de contato entre a geração beat e a poesia concreta. Confira:

“Interessante seria considerar não apenas a influência dos beats na literatura brasileira, mas as correspondências entre este movimento e o da poesia concreta, que surgiu na mesma época. Apesar das óbvias diferenças, pode-se traçar algumas afinidades entre dois movimentos que parecem diametralmente opostos e que, portanto, se identificam.

Por exemplo, a poética ideográfica do grupo Noigandres corresponde à estética zen, que por sua vez se relaciona com o interesse dos beats pelo budismo. Tanto os beats quanto os poetas concretos polemizaram e revolucionaram as suas respectivas tradições literárias, apesar de serem desprezados pela crítica, e influenciaram na formação de movimentos da contracultura ainda mais populares: se os beats inspiraram os hippies nos Estados Unidos, os poetas concretos alimentaram o tropicalismo no Brasil. Pode-se concluir que ambos os movimentos representam manifestações poéticas locais de uma nova contracultura global em (trans)formação.”

BIBLIOTECA BEAT

A Brasiliense e a L&PM são responsáveis por parte significativa das obras beatniks vertidas para o português. Companhia das Letras, Globo e Civilização Brasileira, entre outras, também traduziram textos de autores beats, mas Claudio Willer salienta que a Azougue Editorial é a responsável por um upgrade beat, ao ter viabilizado traduções de autores como Gary Snyder, Michael McClure e coletâneas de qualidade. No entanto, é a gaúcha L&PM a casa editorial pioneira em disponibilizar no mercado um conjunto de obras dos beatniks. A tradução de *Uivo*, de Allen Ginsberg, realizada por Claudio Willer, está completando 30 anos. A editora conta com quase 40 títulos relacionados aos beatniks. “O Claudio Willer e o Eduardo Bueno, que traduziu *On the road*, foram parceiros inestimáveis para o nosso projeto de publicar obras dos beatniks”, diz Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM.

Paula Giolito | Revista Brasileiros



Reflexões libertárias

Um dos maiores comentadores da contracultura no Brasil, o jornalista e escritor Luiz Carlos Maciel fala sobre o impacto literário e comportamental da beat generation, que ele conheceu quando morou nos EUA

OMAR GODOY

“Se você está fazendo essa entrevista comigo agora, é muito mais por causa da repercussão da atitude beat do que pela linguagem literária dos escritores daquele grupo”, garante o filósofo, jornalista, escritor e roteirista Luiz Carlos Maciel, de 76 anos. Considerado um dos “gurus” da contracultura no Brasil, Maciel ficou conhecido por apresentar as novidades culturais e comportamentais das décadas de 1960 e 1970 aos leitores de publicações como *Flor do mal*, *O Pasquim* (do qual foi um dos fundadores) e *Rolling Stone* (em sua primeira versão brasileira). Tudo o que fosse libertário e marginal (no sentido de se posicionar à margem) era analisado e decodificado para um público que não tinha acesso a conteúdos internacionais.

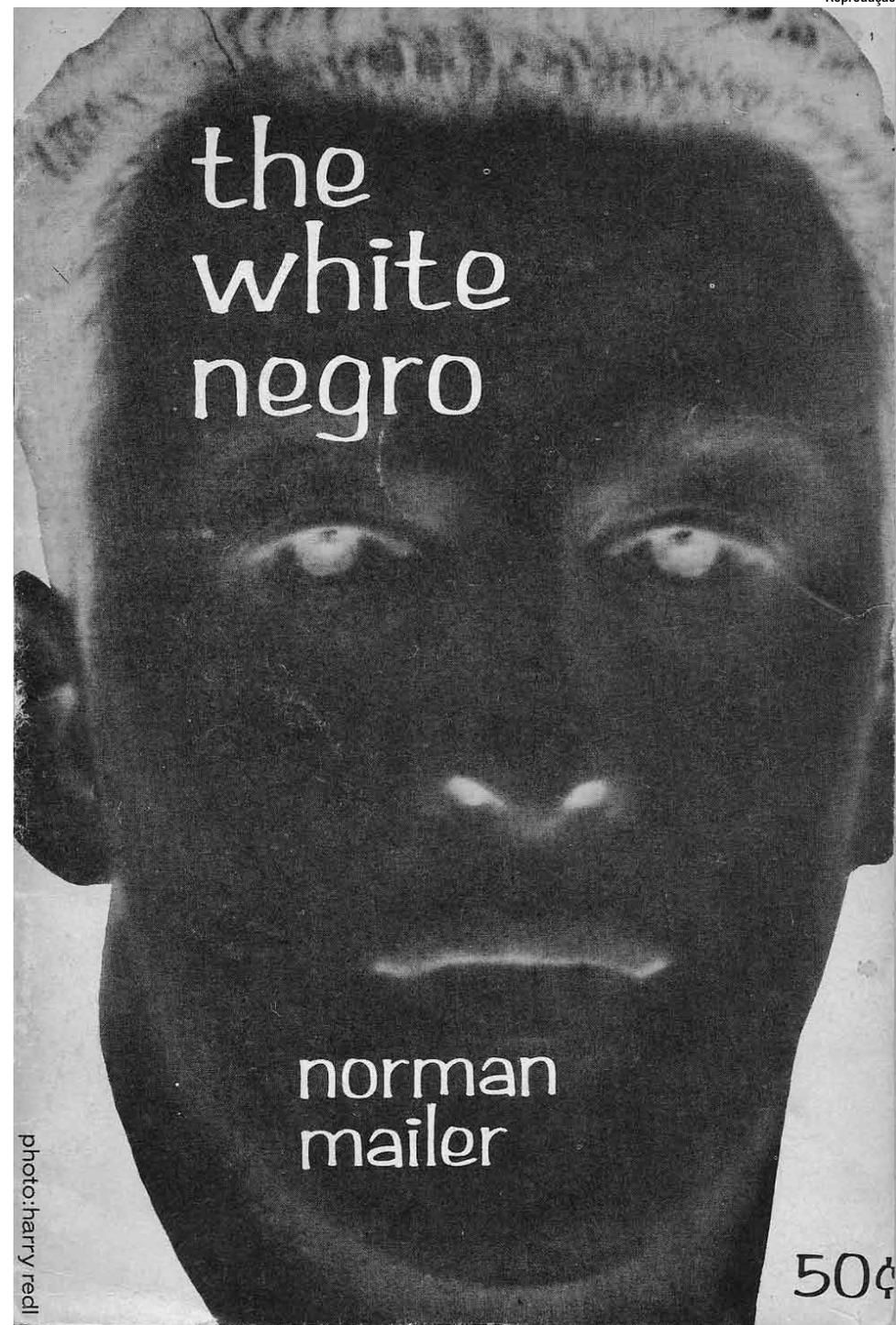
Para Maciel, a popularidade de *On the road* (Jack Kerouac) é uma exceção entre os autores beatniks. “Vendeu e vende bem até hoje, mas qual outro livro dessa geração é tão conhecido? A grande repercussão dos beats foi no nível do comportamento, dos costumes. Até porque, naquela época, as pessoas estavam muito mais interessadas em resolver seus problemas pessoais do que em literatura”, brinca o jornalista, que admite conhecer a fundo apenas a “biblioteca básica” do gênero.

Seus livros preferidos — e, segundo ele, “angulares” — do período são *O almoço nu* (William Burroughs), *O primeiro terço* (Neal Cassady), *Uivo* (Allen Ginsberg) e o já citado *On the*

road. “Mas, na verdade, eu simpatizava com eles por causa do gosto em comum pelo jazz. Não à toa, um dos meus maiores ídolos é o Charlie Parker, de quem o Kerouac tanto gostava. Fui um adolescente jazzófilo, até hoje 90% da minha discoteca é composta por jazz, então acabei me identificando com os beats logo de cara”, conta.

Interessado por arte e propostas libertárias desde cedo, Maciel cursou Filosofia em Porto Alegre, sua cidade natal, no final dos anos 1950. Antes mesmo de se formar, já fazia parte do grupo literário-cultural Quixote, que movimentou Porto Alegre e revelou nomes como Raymundo Faoro, Paulo Hecker Filho, Heitor Saldanha, Wilson Chagas e Sílvio Duncan. “Eu era um pouco mais novo do que os outros, não conhecia quase nada. Mas anotava mentalmente todos os nomes que eles diziam e procurava na biblioteca depois. Foi aí que me envolvi com os existencialistas, Samuel Beckett, teatro de vanguarda”.

Decidido a se aprofundar na dramaturgia, ele ganhou bolsas para estudar teatro na Universidade Federal da Bahia (onde se aproximou de Glauber Rocha, João Ubaldo Ribeiro e Caetano Veloso) e no Carnegie Institute of Technology, na cidade norte-americana de Pittsburgh. Nos Estados Unidos, travou contato pela primeira vez com o ideário beat. “Era uma coisa totalmente *underground*, apreciada por uma minoria. Lembro que na minha sala tinha



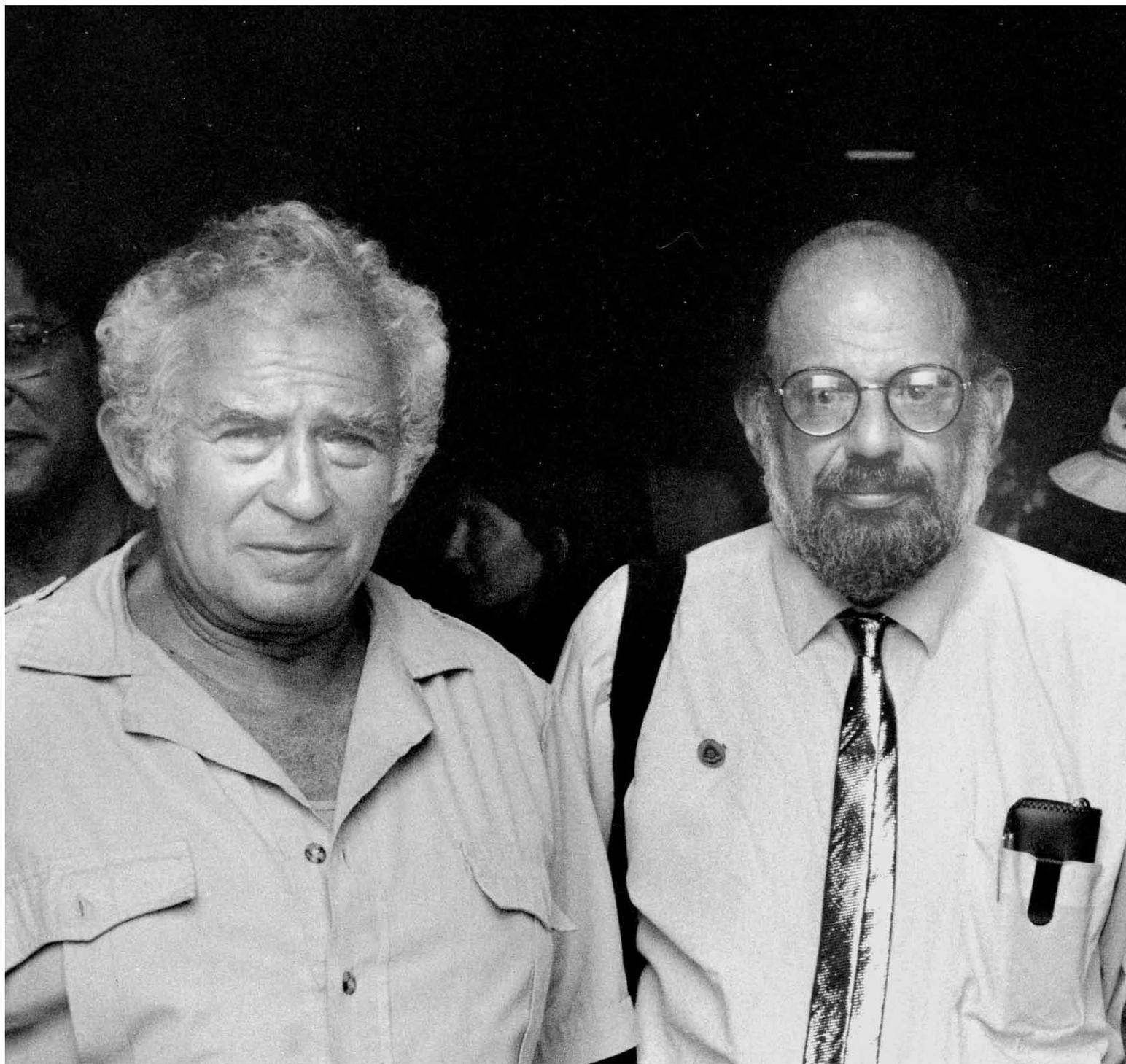
ESPECIAL BEAT | PERFIL

apenas um cara, de barbichinha, que gostava dessas coisas. Acho até que ele se fantasiava de beatnik”, diverte-se.

Como grande parte dos americanos, Maciel não conheceu a geração beat a partir de seus escritores — mas, sim, por meio de um ensaio clássico do romancista e jornalista Norman Mailer, *The white negro: superficial reflections of the hipster* (“O negro branco: reflexões superficiais sobre o hipster”). Publicado em 1957 pela City Light Books, editora comandada pelo poeta Lawrence Ferlinghetti, o texto antecipa o *boom* contracultural que mexeria com os Estados Unidos (e, por tabela, com o mundo ocidental) nos anos seguintes.

Mailer começa seu artigo evidenciando a angústia da sociedade do pós-Guerra, segundo ele apavorada com a possibilidade de um holocausto nuclear e entregue à carência do *american way of life*. Uma reação, no entanto, começava a se esboçar com o aparecimento dos beatniks e dos *hipsters* (mais tarde chamados de *hippies*, um diminutivo do termo), rebeldes influenciados pela cultura negra (especialmente o *jazz*, com seu estilo de vida boêmio e sua tendência à improvisação) e em busca de liberdade individual a todo custo.

“O *hipster* é um psicopata filosófico. Ele se caracteriza pelo desprezo às regras estabelecidas, pelo egoísmo individualista que não respeita o direito dos outros, pela sua entrega cega e total ao prazer do momento e pela sua negação anárquica e criminoso de todas as normas razoáveis de comportamento”, escreveu Maciel, em 1973,



À esquerda, Norman Mailer, romancista e jornalista que apresentou a geração beat para Maciel através de seu ensaio *The white negro: superficial reflections of the hipster*. Allen Ginsberg e William Burroughs (na ponta direita), outros dois nomes relevantes do movimento

Reprodução



na *Rolling Stone*, citando trechos de *The white negro* (título que faz referência à condição de “neomarginalizados” dessa juventude branca inconformada).

Luiz Carlos Maciel conta que, por causa desse ensaio, muita gente na época acabou considerando o próprio Norman Mailer um beatnik — o que não era verdade. O escritor foi, sim, um dos maiores comentadores dos autores beats, como o brasileiro fez com o próprio Mailer e outros pensadores “avançados” do período (Herbert Marcuse, Norman Brown, Wilhelm Reich, etc.).

Segundo Maciel, outra confusão que as pessoas fazem diz respeito ao fato de Mailer ter chamado os beats e *hipsters* de “existencialistas americanos”. “Claro que existe uma linha evolutiva que começa no existencialismo e passa pelos libertários americanos. Mas é pouquíssimo provável que eles tenham lido Sartre, por exemplo”, diz.

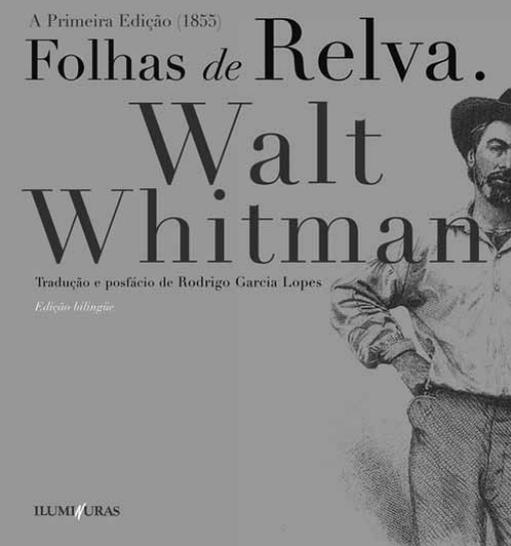
Entre os beats e os *hipsters/hippies*, o jornalista se identificava mais com os últimos. “Gostava do movimento *hippie* porque era massificado, com gente de todos os tipos. Não era uma coisa limitada aos escritores, como no caso dos beatniks, que, além do mais, eram reservados, discretos, com tendências místicas introspectivas”. A exceção, segundo ele, foi Allen Ginsberg, dono de uma personalidade expansiva e alegre. “Tanto que ele gostou dos *hippies* e os *hippies* gostaram dele. O Ginsberg

era um agitador, um ativista. As festas que ele organizava ficaram famosas em todo o mundo”.

Questionado sobre a influência dos beats no Brasil dos anos 1960 e 1970, Maciel afirma que o movimento não tocou muita gente por aqui. Ele cita apenas dois nomes: Claudio Wilner e Jorge Mautner. O primeiro, por ser o maior estudioso local da literatura beatnik. O segundo, pela escrita e atitude. “O Mautner foi o maior beatnik brasileiro. Tudo nele é ritmo, improviso, liberdade. Mesmo conversando ele é assim. Vai falando, falando, improvisando... Não tem quem segure”.

Atualmente interessado pelos *black blocs*, que considera contraculturais, Luiz Carlos Maciel pretende escrever um livro sobre esse fenômeno recente. Mas ainda tem dúvidas se é a favor ou contra os mascarados — principalmente por causa do anonimato, que incentiva saqueadores e outras pessoas mal intencionadas a se infiltrar no grupo. Sobre isso, aliás, ele lembra de uma pensata do autor irlandês George Bernard Shaw.

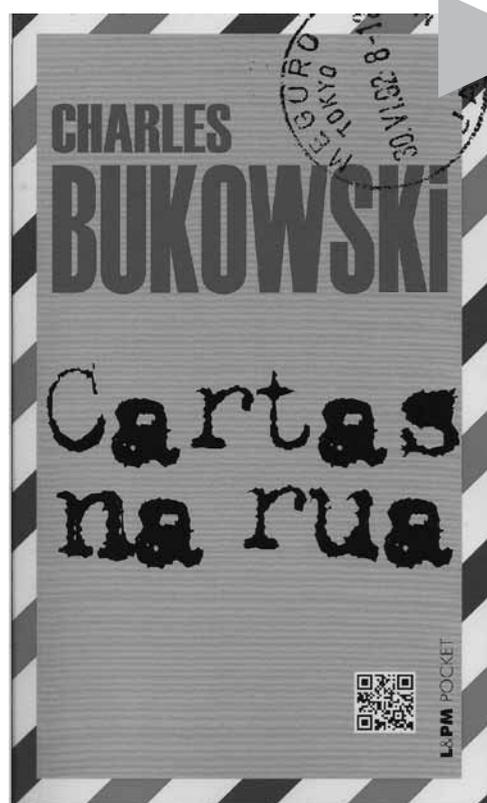
“O Shaw dizia que todos os movimentos que buscam subverter os valores estabelecidos atraem dois tipos de pessoas: os melhores e os piores. Os melhores criam, teorizam, deixam um legado. Já os piores tendem a criminalizar as revoluções. E isso vale tanto para os *black blocks* quanto para os *hippies* e até mesmo os beatniks”, conclui. ■



FOLHAS DE RELVA

Homossexual, eremita e com uma aparência messiânica, Walt Whitman (1819-1892) é considerado o avô dos beats dada a ousadia e liberdade que imprimiu em sua obra. Isolado em uma cabana em Camden, no Estado de Nova Jersey, o poeta lutou na Guerra Civil Americana e teve metade de seu corpo paralisado devido a um ferimento adquirido em combate. Filho de pequenos fazendeiros, Whitman foi educado durante um período curto de seis anos. Antes de completar 30 anos, fez uma viagem pelos Estados Unidos em direção a Nova Orleans, onde assume o jornal *Crescent*. A viagem e a cidade, que décadas mais tarde seria berço do jazz, impressionam o poeta. Tal experiência existencialista de Whitman nesse período modifica profundamente suas concepções e prepara o espírito para voos literários mais altos. Apontado como precursor do verso livre, Whitman mesclou gíria e linguagem culta em seus poemas, além de trazer ao primeiro plano a figura do escritor: “Eu celebro a mim mesmo, /E o que eu assumo você vai assumir./Pois cada átomo que pertence a mim pertence a você”, proclama

em *Folhas de relva*. Whitman ampliou e revisou *Folhas de relva* por quase quarenta anos. A primeira edição do volume, de 1855, continha 12 poemas e foi publicada pelo próprio Whitman em uma tiragem minúscula. Em versos brancos e livres, sem rima nem métrica fixas, ele trata de diversos assuntos misturando o registro coloquial com erudito. O livro é uma ode à liberdade em um país à beira do esfacelamento diante da guerra. A recepção à obra, no entanto, não foi das melhores. “Bêbado”, “lunático” e “imbecil” foram alguns dos insultos que Whitman ouviu de jornalistas e escritores. O reconhecimento só viria com a intervenção de Ralph Waldo Emerson, um dos principais pensadores americanos da segunda metade do século XIX. “A mais extraordinária peça de sagacidade e sabedoria que os Estados Unidos já produziram”. Vitimado por pneumonia, Whitman recolheu-se à sua cabana em Camden, onde trabalhou na décima edição de *Folhas de relva*, que acabaria com 411 poemas, paulatinamente adicionados durante quase 40 anos de reescrita e modificações.



CARTAS NA RUA

“I walk alone” poderia ser o mantra de Charles Bukowski. O escritor nunca gostou muito de andar em grupo, como era praxe entre os beatniks, mesmo assim, os temas, o estilo despojado, o coloquialismo e a prosa auto-fictícia que praticou o aproximaram, ainda que à revelia, da literatura concebida pela turma de Kerouac. Apesar de conhecido no Brasil por seus contos, um de seus livros mais aclamados é o romance *Cartas na rua* (Post office). Escrito a partir da experiência de Bukowski como funcionário dos correios, o livro é narrado, em tom hilário e melancólico, por Henry Chinaski, alter ego de Bukowski. Com um jeito cru de narrar, o personagem descreve seu dia a dia modorrento em um trabalho massacrante, de onde emerge uma obra forte,

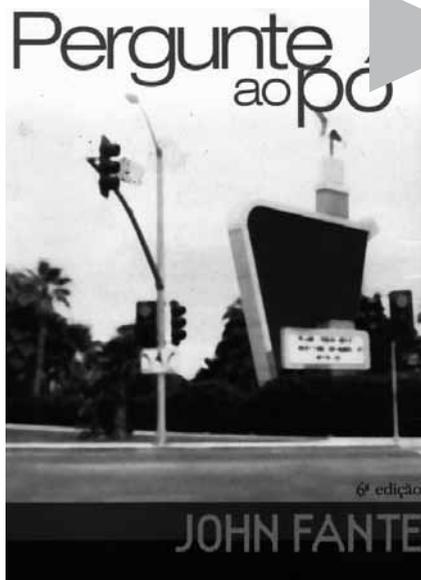
calcada nas adversidades de uma vida ao rés do chão. Em capítulos curtos, *Cartas na rua*, além da rotina de trabalho de Chinaski, traz os temas que consagrariam Bukowski como um grande prosador, cujo estilo único passou a ser idolatrado por leitores no mundo todo. Os porres homéricos, os relacionamentos malfadados com mulheres de má índole e a terrível sensação de deslocamento que os personagens do autor sentem estão retratados de modo visceral no livro. Um fato pitoresco que permeia a carreira do escritor é que nos Estados Unidos Bukowski é muito mais conhecido por sua faceta de poeta, fato que gerou até um elogio, nos anos 1960, do francês Jean-Paul Sartre. No Brasil, no entanto, foram seus livros de contos que cativaram o leitor.



ALMOÇO NU

Tão cultuado quanto seu parceiro de geração Jack Kerouac, William S. Burroughs deixou pelo menos dois clássicos cravados na história da literatura mundial, *Junky* e *Almoço nu*. Este último certamente figura como uma das obras mais usadas do século XX. Livro mais famoso do autor, *Almoço nu* é narrado a partir da técnica do *cut up*, espécie de colagem literária fragmentada e aparentemente aleatória. Burroughs foi influenciado pelo amigo Brian Gysin, artista que empregava a mesma técnica em seus trabalhos literários. Publicado em 1959, o romance foi imediatamente rotulado de obsceno. No entanto, sua fama se espalhou pela

Europa e Estados Unidos, fazendo de Burroughs um ícone da geração beat. Na época, Burroughs já morava no "Beat Hotel", um albergue dilapidado de Paris onde também viviam o fotógrafo Harold Chapman e os poetas Peter Orlovsky, Allen Ginsberg e Gregory Corso. Em *Almoço nu*, o leitor segue a narração do *junkie* William Lee, que assume vários pseudônimos. Sem aviso, há mudanças de cenário e Lee vai de uma espelunca urbana cheia de viciados para o coração de uma floresta tropical no intervalo de uma página. E, de repente, o personagem está em uma cidade fora de qualquer mapa, a Interzona.



PERGUNTE AO PÓ

O escritor Charles Bukowski escreveu que ao ler pela primeira vez *Pergunte ao pó*, sentiu que havia encontrado "ouro na lata de lixo". A afirmação é bastante compreensível vindo de Bukowski. Afinal, John Fante parece ser o precursor da literatura sem rebuscamento, em que humor e sofrimento cabem no mesmo parágrafo, praticada pelo autor de *Mulheres*. Também *Pergunte ao pó* traz 200 páginas de uma narrativa intensa sobre as desventuras de Arturo Bandini, o célebre personagem de Fante que aparece em várias de suas narrativas, como *Espere a primavera*, *Bandini*, primeiro romance do escritor, lançado em 1938. Em *Pergunte ao pó*, Bandini é um aspirante a escritor que sonha com a glória literária. Sem trabalho e na iminência de ser despejado do local em que se hospeda, Bandini erra pelas ruas de Bunker Hill, em Los Angeles. Autor de um conto só, chamado "O cachorrinho riu", o

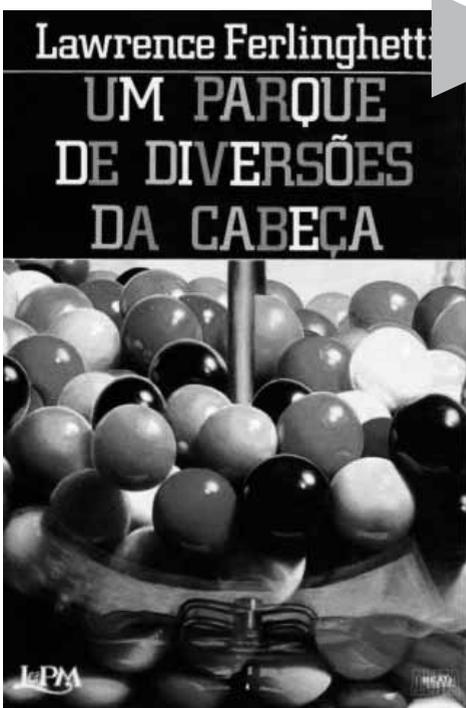
personagem não deixa, no entanto, que a maré de azar o desanime. Cheio de entusiasmo juvenil por ter sua história publicada em um periódico literário, está feliz por ser "um autor" publicado, ainda que suas obras completas caibam no bolso. Mas para Bandini, é como se fosse o autor de *Quixote*. Aliás, o auto-engano e a inocência de Bandini fazem lembrar o célebre personagem de Cervantes. A implacável realidade de pobreza que lhe persegue, no entanto, é amainada quando conhece uma garçonete local, Camilla Lopez. Os dois mantêm uma relação de amor e ódio que, aos poucos, faz Bandini descer aos domínios da loucura. Publicado no final dos anos 1930, *Pergunte ao pó* é considerado um precursor da literatura beat, dada a conjunção entre a liberdade narrativa e a vida errante de seu personagem principal.



MALA NA MÃO & ASAS PRETAS

Este é o segundo volume da reedição do legado de Roberto Piva e reúne quatro livros que o autor publicou entre 1976 e 1983 que, de modo geral, mostram a visão de mundo e a linguagem do poeta. "Os poemas compõem uma franca e desassomburada celebração amorosa, em particular do amor do efebo", diz, na introdução, o professor de Teoria Literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Alcir Pécora, o organizador das obras reunidas. E, de fato, o amor entre homens, tema dos beats, pauta muitos dos poemas que o leitor vai encontrar nessas páginas: "Garoto pornôgrafo / antes que a Lua chegue / esta feijoadada será uma batalha." Pécora chama atenção para o fato de que, mais de o ato sexual pelo ato, nesses poemas "o poeta incorpora nos graus do êxtase amoroso-cognitivo a

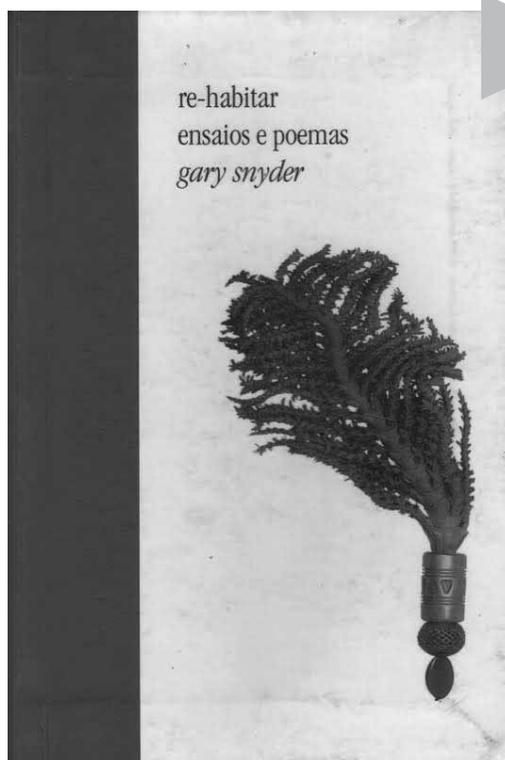
exigência do ato político da transgressão." Claudio Willer, beatnik brasileiro e amigo de Piva, lembra que, entre características do legado beat, está essa sociedade mais aberta, a de 2014, a que todos nos deparamos hoje, nas ruas, esquinas e becos. Citando Ginsberg, Willer ressalta que a liberação sexual, em especial a liberação gay, "desempenhou um papel como catalisador da liberação da mulher e na liberação do negro." Além disso, de acordo com Pécora, "encontra-se na poesia de Piva um movimento bem característico de rearranjo da distinção popular/erudito, problematizada no modernismo e mais ou menos diluída no pós-modernismo." Como se vê, há motivos, até demais, para ler e reler esse libertário beatnik brasileiro chamado Roberto Piva (1937-2010).



UM PARQUE DE DIVERSÕES DA CABEÇA

Além de poeta consagrado, Lawrence Ferlinghetti teve papel fundamental no surgimento e disseminação do movimento beatnik, do qual fez parte. Ferlinghetti foi fundador da editora e livraria City Lights (em funcionamento até hoje), que lançou grande parte dos autores beat e mudou os rumos da literatura americana da década de 1950. Seu segundo livro, *Um parque de diversões da cabeça* (1958), figura como uma das principais realizações do movimento beat, ao lado de clássicos como *On the road*, de Jack Kerouac, e *Uivo*, o longo poema de Allen Ginsberg. A publicação de *Uivo* trouxe problemas para Ferlinghetti, que foi preso e acusado de obscenidade. O julgamento – favorável à editora – só trouxe mais publicidade para os autores beat e para a livraria. Assim como outros livros da literatura beat, *Um parque de diversões da cabeça* faz a fusão entre literatura e elementos do dia a dia, gíria das ruas, a vida simples e a evocação às artes. As artes

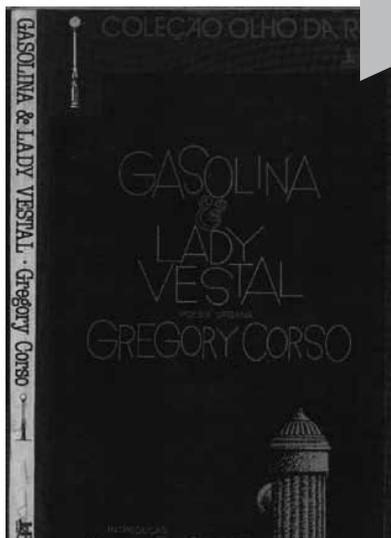
plásticas e a literatura surgem por meio de referências a Dante, Goya, Chagall, Kafka, Yeats, Hemingway, figuras que compõem esse “parque de diversões da cabeça”. O título, extraído do livro *Into the night life*, de Henry Miller, segundo o próprio Ferlinghetti, é usado fora do contexto original, mas expressa o que ele sentia ao escrever os poemas, algo como um “circo da alma”. Esta “poesia andarilha”, como Ferlinghetti a definiu, tem muito de E. E. Cummings, Ezra Pound e Eliot, que se deixam sentir nos três grupos de poemas de *Um parque*. Na primeira parte, Ferlinghetti grita para o mundo os absurdos da cultura americana e denuncia a sociedade de massas. Já na segunda, “Mensagens orais”, encontramos discursos espontâneos concebidos para acompanhamento jazzístico. O fechamento se dá com “Retratos do mundo que se foi”, grupo de poemas selecionado do primeiro livro do autor, *Pictures of the gone world*, publicado em 1955 pela City Lights.



RE-HABITAR, ENSAIOS E POEMAS

Gary Snyder é considerado um dos escritores mais importantes da contracultura norte-americana. É uma porta de entrada para a obra do autor é *Re-habitar, ensaios e poemas* – antologia organizada e traduzida pela escritora e professora da UFPR Luci Collin. “Traduzir a obra de Snyder, com acompanhamento do autor, foi uma das experiências mais intensas que tive, pela oportunidade de me aproximar de um artista e pensador extraordinário, de uma generosidade e uma profundidade indescritíveis”, conta Luci. Snyder, explica a intelectual e artista curitibana, é aquela voz incisiva e amorosa que fala sobre ecologia, sobre espiritualidade, sobre a valorização das culturas ameríndias, sobre o sentido de lugar, sobre a mente histórica e selvagem, sobre a busca pela simplicidade

original. “Minha relação com a obra de Snyder sempre foi, desde o primeiro poema que li dele, visceral e definitiva. Ao conhecê-lo, de imediato decidi mergulhar em sua obra e estudá-la.” Luci escreveu uma dissertação de mestrado sobre a obra de Snyder. Ela lembra, ainda, que foi Snyder quem introduziu o zen-budismo no movimento beat, influenciando decisivamente a relação que o próprio Jack Kerouac teria com o pensamento oriental e com o budismo. “Lá se vão mais de vinte anos de amizade com o Gary que é para mim aquela fonte inesgotável de beleza e de integridade, que eu reverencio; também sou muito grata a ele pelos ensinamentos sobre o zen-budismo, prática que adotei desde que passei a conviver com a poesia deste poeta absoluto.”



GASOLINA & LADY VESTAL

“Corso é um grande arremessador de palavras, primeiro signo desnudo de um poeta, mestre da ciência dos bocados enlouquecidos da linguagem.” A frase, de Allen Ginsberg, ajuda a ler e a perceber a poética de Gregory Corso, um dos beats mais badalados. O poeta, de fato, arremessava palavras. Com força e tiro certo. Basta conferir um fragmento de um poema, escolhido ao acaso, por exemplo, “Impressões mexicanas”:

“Pela janela em movimento/ num relance vejo os burricos/ uma vendinha de Pepsi-Cola,/ um velho índio sentado/ sorrindo sem dentes em sua barraca.” O poema é quase uma fotografia. É mais que uma foto: é um retrato feito a partir de palavras que sugere e insinua uma cena forte da realidade no qual ele esteve inserido e que chega até nós, em 2014, com intensidade. Nova-iorquino,

nascido em 1930, Corso cresceu em meio à pobreza, morou em orfanatos e reformatórios e, a partir dos 17 anos, percorreu as estradas norte-americanas. O desejo de se jogar na vida, seja pra onde for, e quais sejam as consequências, também aparece na obra de Corso: “Ontem à noite dirigi automóvel / sem saber dirigir / sem ter o meu carro / Eu corri e derrubei / pessoas que eu gosto / . . . a 160 pela cidade./ Parei em Hedgeville / e dormi no banco de trás / . . . excitado com minha vida nova.” Ginsberg, no texto de apresentação desta obra, recomenda: “Abra esse livro como se fosse uma caixa de brinquedos malucos, tenha nas mãos um refinamento de beleza extraído de uma atmosfera destrutiva. Essas combinações são imaginárias e puras, de acordo com o desejo individual (portanto universal) de Corso.”



ON THE ROAD

Se há uma “bíblia” beatnik, o livro máximo da geração, a obra existe, sim: trata-se de *On the road*, de Jack Kerouac, o rei dos beats. A primeira versão foi escrita, exatamente, de 2 a 22 de abril de 1951, em rolos de papel, de 36 metros de comprimento e 22 centímetros de largura, acoplados a uma máquina de datilografia. O livro rodou, circulou mesmo, antes de vir a ser publicado, em 1957, e foi submetido a tapas — expressão usada no meio editorial para se referir a revisões, modificações e ajustes (o que desmente toda e qualquer mitificação a respeito de uma suposta e caudalosa escrita direta do autor). A prosa livre, leve e solta de *On the road* fez história. O escritor e crítico literário Seymour Krim faz uma observação relevante a respeito da linguagem de Kerouac: “O

estilo, como acontece a todos os escritores de real importância, não era um simples maneirismo superficial, mas antes a expressão suprema de um ponto de vista conquistado à base de muita luta que tomou corpo na linguagem do autor, no ritmo com que utilizava as palavras e na pontuação desenfadada que libertou o ímpeto de sua expressão.” A “bíblia” beat mostra Sal Paradise e Dean Moriarty, possíveis recriações literárias de Jack Kerouac e de seu amigo beat Neal Cassady, em busca de toda experiência que houvesse nessa vida nos Estados Unidos e México. A obra entrou no imaginário popular, figura em lista de melhores livros de todos os tempos, em diversos países, e, em 2013, ganhou uma adaptação cinematográfica, com direção de Walter Salles.



UM ESTRANHO NO NINHO

Mais conhecido pela adaptação cinematográfica, que ganhou cinco Oscars (incluindo as categorias de melhor diretor para Milos Forman e melhor ator para Jack Nicholson), *Um estranho no ninho* é o livro mais celebrado de Ken Kesey. A exemplo de William Burroughs, o autor norte-americano viveu a todo vapor, transformando suas experiências pessoais em literatura de grande qualidade. Mais identificado com o movimento hippie, o autor e sua obra comungam de alguns preceitos difundidos pelos escritores beats, como a liberdade existencial e o uso de drogas como catalisador da mente. E as drogas e problemas psicológicos estão no centro da trama de *Um estranho no ninho*. A obra é protagonizada por R. P. McMurphy, um preso que

escapa da condenação fingindo-se de louco. A narrativa então relata os dias de McMurphy num hospício, onde enfrenta os desafios de uma instituição em que o medo impera sob o comando de uma sádica enfermeira. Aos poucos, McMurphy percebe que o hospício pode ser muito pior que a prisão, nesse novo universo cercado de pacientes inseguros, ansiosos e constantemente dopados. Pessoas que buscaram refúgio da sociedade no hospício. Um livro louco, mas muito real. O romance de Ken Kesey é inspirado em suas próprias experiências quando participou de pesquisas com drogas psicoativas no centro psiquiátrico do Menlo Park Veterans Hospital (Califórnia). O livro virou um clássico da contracultura que retrata os psicodélicos anos 1960.



NOTAS RECENTES SOBRE A POESIA:

A assessoria da associação dos poetas cegos surdos e mudos seleciona poemas para participar de uma coletânea de novos poetas a ser editada com verba de uma lei de incentivo do governo do estado com direito a coquetel de lançamento e com notinha garantida na coluna social do amigo da poesia. No pdf em anexo as regras para a confecção dos poemas e a maneira como o concorrente deve proceder. Não perca tempo, participe!

A associação dos poetas com frieiras, que não possui assessoria, divulga em seu *blog* que dois de seus associados foram premiados no último concurso que elegeram o melhor declamador de poesia em distância e arremesso de versos: o concurso foi realizado na sede da associação dos poetas que tiveram

caxumba antes dos onze anos de idade. Vale salientar que a associação dos poetas que toma óleo de tubarão em cápsulas bicolor (verde e branca) sagrou-se a grande campeã do evento colocando sete de seus associados entre os primeiros colocados nas mais variadas categorias. Ano que vem a história será diferente — sentenciou a associação dos poetas que tem mais que os outros e que doa sete por cento de tudo que arrecada para a associação dos poetas que tem menos —, com as novas regras vigentes para a poesia nacional e com a possibilidade de buscar apoio em outros estados, iremos nos reforçar, disse convicto o presidente da associação, em nota a ser publicada. Ciao e até a próxima.

A academia dos poetas que operaram da fimose antes dos dois anos

promove um grande bingo beneficente para arrecadar fundos para que o poeta mor da instituição possa participar de um evento de poesia a ser realizado no exterior. Quem tiver a fim de participar do evento e não pode se dirigir à sede da associação na data indicada, pode acessar o site no endereço abaixo www.poetas-queoperaramdafimoseantesdosdoisanos.com.br e participar do evento pela internet, afinal de contas, a poesia também se modernizou, e o bingo também será realizado virtualmente. O depósito para aquisição das cartelas poderá ser feito através da conta 0000956728-0 ag. 444. Os prêmios da noite são, além dos valores em dinheiro para cada rodada do bingo, três prêmios especiais para os grandes vencedores, no caso, aqueles que obtiverem a melhor pontuação

entre todos os participantes: uma caixa de cerveja para o terceiro colocado, um porco para o segundo e uma vaca e um livro autografado pelo autor, para o primeiro colocado. Participe, a comunidade dos poetas agradece.

A associação dos poetas amantes da gastronomia e da enologia promove uma grandiosa macarronada com sorteio de livros a ser realizada na sede da associação: galeto, costelinha de porco, polenta, spaghetti a bolonhesa (alho e óleo opcional), radicci com bacon e salada de maionese. O dinheiro arrecadado possibilitará a um dos poetas da associação (que será sorteado no dia) participar de um curso de enologia com um experiente enólogo oriundo do norte da Itália e autor dos livros *Mangiando, bebendo e legendo poesia, uma birra poética* e *Poesia ao Burro*.



Ilustração: **Cecília Fumaneri**

A associação dos poetas que caminham com Jesus promove uma grande caminhada festiva para o dia 25 do próximo mês. A saída (com hora marcada) acontecerá na paróquia da nossa senhora dos pés descalços e a chegada (horário a definir) na paróquia com os pés juntos a gente vai ao longe. Após a caminhada acontecerá um grande culto ecumênico com a bênção dos livros e um breve momento de descontração em que os fiéis poderão dar sugestões de temas para os poetas abordarem nas suas próximas publicações. Venha, caminhe com os poetas, caminhe com Jesus e colabore dando ideias aos poetas, pois eles necessitam. Obrigado.

Se você também é poeta, procure a associação mais próxima e se associe.

Demétrio Panarotto é músico, poeta e professor universitário (UFSC). Autor de *Borboletas e abacates* (2000), *Mas é isso, um acontecimento* (2008), *15'39"* (2010), *Crônica para um defunto, dengo-dengo cartoneiro* (2013), e do ensaio, *Qual Sertão, Euclides da Cunha e Tom Zé* (2009). Vive em Florianópolis (SC). Vive em Campinas (SP).

O faça-você-mesmo filosófico

Doutorando em Filosofia e vocalista da banda Colligere, Rodrigo Ponce diz encontrar na leitura, sobretudo de ficção e poesia, a matéria-prima para a sua existência

THIAGO LAVADO



Há uma característica que define Rodrigo Ponce: “Em tudo o que faço, me considero um amador profissional”. Ele é um estudante de Filosofia e vocalista da banda Colligere. Nascido em Londrina, mora em Curitiba desde meados da década de 1990. Naquela época, vendia *fanzines* com *punks* na Rua XV e frequentava a cena *hardcore* curitibana até que, em 2000, fundou a banda Colligere. “Quando tinha uns 14 ou 15 anos, comecei a me envolver com o *punk* e, naquele contexto, havia uma exigência, na cena, para se produzir algo. Me identifiquei com a ideia: não precisava ser expert pra fazer alguma coisa. Você aprendia a tocar quatro ou cinco notas e montava uma banda.”

Ponce tentou aprender a tocar alguns instrumentos, fazer algumas melodias, mas não vingou. Desde criança, tinha o hábito da escrita e, então, passou a fazer no *punk* o que já fazia desde pequeno: escrever, seja conteúdo para *fanzines* e ainda letras para canções. O pé-vermelho radicado em Curitiba diz ter encontrado no contexto *punk* a oportunidade de se

apropriar do que gostava e poder reproduzir o conteúdo do seu jeito. “Quando você se apropria de um determinado elemento estético, pode transformá-lo e dar um novo sentido”, diz, comentando que nas letras que escreveu, estabelece pontos de contato com suas referências filosóficas e literárias, por exemplo, com a obra de Fernando Pessoa, Santo Agostinho, Milan Kundera e a *Bíblia*.

O primeiro flerte de Ponce com leitura se deu na casa dos pais, nas páginas de enciclopédias. Aos dez anos, ele conheceu a obra de Monteiro Lobato na biblioteca da escola. A partir desse momento, diz, começou a se interessar, de fato, por leitura. “Li muitos livros do Lobato e, depois dele, parti para a poesia. O primeiro livro que tive foi uma antologia do Carlos Drummond de Andrade. Também comecei a ler alguns autores da poesia brasileira, como Vinícius de Moraes e Cecília Meirelles.” Ainda criança, o atual *punk* e estudioso de Filosofia tentava reproduzir em seus textos a linguagem dos grandes nomes da literatura e da poesia. “Não era uma cópia propriamente



dita, mas uma tentativa de fazer igual, de remeter àquela arte, mesmo sem saber direito o que era aquilo. Eu dialogava com os clássicos.”

A obra de Drummond o acompanha faz anos. Outro poeta que o influenciou, e ainda o influencia, é o português Fernando Pessoa. Na adolescência, começou a ler Sartre, principalmente os romances *A idade da razão* e *Sursis*, além de os contos de *O muro*. Aos 16 anos, leu *A condição humana*, de Hannah Arendt, obra que se tornou uma das mais importantes de sua vida, abrindo seu imaginário para a Filosofia — ainda hoje ele estuda o legado da pensadora alemã em sua tese de doutorado sobre filosofia política na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O acaso punk

Atualmente, a banda de Ponce, Colligere, está compondo repertório para um futuro álbum. Um dos últimos shows realizados em Curitiba foi em outubro do ano passado — a banda também esteve em solo carioca em 2014. Ponce diz que o grupo busca se reinventar e está compondo de um jeito novo. “Até agora eu escrevia com muitas citações, como se estivesse junto com os autores que eu lia. Dessa vez estou fugindo disso e tentando escrever todas as músicas sobre um mesmo tema, dando mais espaço para a minha voz”.

Com 26 anos, já envolvido com a música há algum tempo, Ponce sentiu a necessidade de continuar estudando — ele havia cursado Ciências Sociais e procurava um

estímulo que exigisse a prática do texto. Escolheu Filosofia. “As coisas mais importantes da vida acontecem por acaso. O que acontece por necessidade aconteceria de qualquer jeito. Por acaso fiz Filosofia. Drummond e Lobato também entraram na minha vida por acaso. Eu poderia, por exemplo, não ter lido esses autores.”

Entre as influências musicais, ele lembra de sambistas que escutou ainda na infância, por exemplo, Martinho da Vila e Adoniran Barbosa, além de Jorge Ben e música brasileira em geral, “influência dos pais”. Na adolescência, começou a escutar rap, principalmente Racionais MC’s, e o *punk rock* da banda paulistana Cólera. Também destaca álbuns do Rage Against The Machine, que tinham capas de livros no encarte, como *Evil empire* —

com os livros *Um retrato do artista quando jovem*, de James Joyce, e *The anarchist cookbook*, de William Powell.

Ponce confessa que as exigências de leitura da universidade quase o impedem de, no tempo presente, ler literatura, apesar de não deixar de acompanhar textos de Dalton Trevisan, Paulo Leminski e Cristovão Tezza — coincidência, ou não, nomes locais. E o doutorando em Filosofia diz que, apesar de tanto interesse pela literatura, não pensa em, ele mesmo, escrever ficção ou poesia. “Ter a poesia e a literatura como referência me ajudam no meu amadorismo, naquilo que eu sei fazer melhor que é escrever letras de música e estudar Filosofia.” ■

amores são cardio-flores em bilhetes ou centopéias de bolso, ou braços

envelopados: quando te fizerem dos braços um envelope rude, na cor de um figo, e selarem os seus atos, com a cola de trigo (tipo grude), numa aderência, num hiato, numa hora nude e com a doçura da essência de amora regada com a brancura do bicarbonato

e com esse ato te fizerem casto o púbis androide, feito um íbis de aço que , do meio, do seu sexo andrógeno, tão barroco-pássaro espantalho, renasçam vermelhos, castas de condilomas acuminados, duas rosáceas, urnas de flores em glande conduzindo o desejo de seu pênis oco até a faringe

e quando seus olhos no espelho, mais acima, sob onde não se alcançam os braços, seu escroto permanecerá ilhado em seus ordinários pensamentos e torpes em seus arrotos com farinha de linhaça regado pelo mau hálito (de linóleo), de tecido impermeável, feito de juta e untado com o óleo usado no revestimento do diastema, em tão fino espaço: os seus dentes

entes de seu nariz, que se surgirem fímbrias, por entre as vibrissas, que tremem ao cheiro de sua farmacopeia de bolso, e apocalíptica, perfurarem a fossa nasal do espaço entre as narinas [caminhos de sua falange comprida] ou rota de sua cocaína, até a laringe e, então, se der o encontro diagonal do pensamento e do seu pênis centopéia e dos braços envelopados quase em pneumo-tórax e bilhetes de amores em cardio-flores.



Adriana Zaparoli é escritora, poeta e tradutora. Realizou pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (SP). Seus poemas foram publicados em revistas de arte e literatura impressa e eletrônica. Publicou, entre outros, *A flor da abissínia* (2007), *Cocatriz* (2008) e *Flor de Lótus* (2013), todos editados pela Lumme Editor. Também é editora de conteúdo literário da revista eletrônica *Zunai*. Vive em Campinas (SP).



ossos de brancos e pretos são
brancos ossos de alemães e
africanos são brancos ossos
de americanos e russos são
brancos ossos de esquimós e
chineses são brancos ossos de
ateus e judeus são brancos
ossos de mulheres e homens
são brancos ossos de macacos
e ratos são brancos ossos de
jovens e velhos são brancos
ossos de touro e toureiro são
brancos ossos de bem-te-vis e
cavalos são brancos ossos de
vivos ou mortos são brancos
ossos são ossos e brancos e
tudo o que sobra são ossos



Ademir Assunção é poeta e jornalista. Lançou os livros *A Voz do ventríloquo* (Prêmio Jabuti 2013), *Faróis no caos* e *Zona branca*, entre outros. Gravou o CD de poesia e música *Viralatas de Córdoba*, com sua banda Fracasso da Raça. Vive em São Paulo (SP).

RETRATO DE UM ARTISTA | WILLIAM S. BURROUGHS

Ilustração: Allan Sieber

Há quem diga que a vida de William S. Burroughs é tão interessante — ou mais — quanto sua obra, esta calcada em um experimentalismo linguístico influenciado pelo uso de drogas. Nascido em 1914, em St. Louis, Estados Unidos, o escritor é oriundo de uma linhagem proeminente. Seu avô, William Seward Burroughs I, fundou a empresa Máquina de Somar Burroughs. Na década de 1940, Burroughs mudou-se para Nova York, onde iniciaria sua carreira literária e faria amizade com Jack Kerouac e Allen Ginsberg, entre outros escritores beatniks. Teve inúmeras experiências com alucinógenos: foi viciado em diversas drogas, incluindo morfina, e por vezes traficou narcóticos (e foi preso por isso). Teve diversas profissões, entre elas exterminador de ratos e detetive particular. Com uma vida errante, conforme mandava a cartilha beat, viveu no México, Marrocos, Paris e Londres. Em 1951, matou sua mulher em um acidente com arma de fogo, o que ele próprio mais tarde

reputou como uma experiência definidora para sua carreira de escritor. Esses traços biográficos contribuíram para que o mito em torno do escritor aumentasse ao longo de seu percurso, dando-lhe o título de “o grande fora da lei da literatura mundial”. No plano literário, Burroughs escreveu obras experimentais e criou um conceito de escrita chamado *cut-up*, espécie de texto “interativo”, em que o autor se apropriava de escritos das fontes mais variadas para construir sua narrativa. Por meio desse sistema de escrita, o autor elaborou livros como *O ticket que explodiu*. Mas são os romances autobiográficos *Junky* (1953, publicado sob o pseudônimo de William Lee), em que explora suas experiências com a heroína, *Queer* (escrito na primeira metade da década de 1950, mas publicado apenas em 1985), sobre homossexualidade, e *Naked Lunch* (Almoço nu) que fizeram de Burroughs um escritor cultuado. No final da vida, o autor mudou para Lawrence (Kansas), onde morreu, em agosto de 1997.

 Allan Sieber é cartunista, ilustrador e quadrinista, autor de tiras publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

